

**O *briefing* de tradução e a prática tradutória: reflexão metodológica e contributo para a construção de um modelo dinâmico**

**Ana Luísa Nolasco Viseu**

**Trabalho de Projeto de Mestrado em Tradução  
Área de Especialização em Inglês**

**Setembro, 2015**

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Tradução – área de especialização em Inglês, realizado sob a orientação científica da Prof<sup>a</sup>. Doutora Iolanda Ramos.

*Aos meus filhos Mara e Jimmy, pelo tempo concedido durante o seu longo período de férias escolares; ao meu marido, pelo incentivo e apoio; aos meus pais...*

## AGRADECIMENTOS

*Antes de mais, à Prof<sup>a</sup> Doutora Iolanda Ramos, pelo entusiasmo contagiante e inspirador, pelas orientações extremamente pragmáticas e, essencialmente, por acreditar no tema escolhido para este projeto. O seu incentivo foi fundamental.*

*Aos demais professores do Mestrado em Tradução do ano letivo de 2013-14, agradeço os conhecimentos transmitidos e as perspectivas abertas em diferentes ramos da Tradução e que tiveram um contributo inestimável para este trabalho de projeto.*

## **O *briefing* de tradução e a prática tradutória: reflexão metodológica e contributo para a construção de um modelo dinâmico**

**Ana Luísa Nolasco Viseu**

### **RESUMO**

O presente trabalho de projeto pretende contribuir para a compreensão do chamado *briefing* de tradução e analisar os mecanismos que intervêm na conceção de *briefs*; por outro lado, pretende aferir a sua utilidade no decorrer do processo tradutório e as vantagens que oferecem para os sistemas de controlo da qualidade. Serão analisados os critérios e princípios que devem reger a elaboração de *briefs* e os elementos a integrar em tal instrumento, numa estreita relação com os tipos de texto e a análise discursiva.

Com base numa abordagem empírica situada sobretudo numa fase pré-tradutória, pretende-se propor um modelo dinâmico-funcional de *brief* de tradução construído a partir da proposta de Nord e associado a diferentes tipos de texto, a saber: pragmático, técnico, científico e literário. O produto dessa reflexão visa comprovar a utilidade deste instrumento e contribuir para uma mudança de cultura na prática tradutória, tendo como principal objetivo desmistificar a crença de que o *brief* de tradução possui um valor meramente académico, bem como reforçar as suas qualidades enquanto instrumento central da tomada de decisão e de controlo da qualidade em tradução.

**PALAVRAS-CHAVE:** *brief* de tradução; abordagem funcionalista; avaliação da qualidade; tomada de decisão; gestor de projeto; tipo de texto.

## **Translation briefing and practice: methodological reflection and contribution to the construction of a dynamic model**

**Ana Luísa Nolasco Viseu**

### **ABSTRACT**

This project aims to make a contribution to understanding translation briefs and analyse the mechanisms involved in the design of briefs; it also aims to assess their usefulness in the translation process and the advantages they provide in terms of quality control systems. There is an analysis of the criteria and principles governing briefs and the individual aspects included in them, in strict accordance with the type of text and discursive analysis.

Based on an empirical approach, particularly focused on a pre-translation stage, the aim is to present a functional-dynamic translation brief model built on the foundations of Nord's proposal and associated with various text types, such as: pragmatic, technical, scientific and literary. The result of such a reflection aims to demonstrate the usefulness of this tool and contribute to a cultural change in translation practice, with the main objective of dispelling the belief that translation briefs are purely academic in nature, as well as consolidating their usefulness as a key mechanism for decision-making and quality control in translation.

**KEYWORDS:** translation brief; functionalist approach; quality assessment; decision making; project manager; text type.

# ÍNDICE

## Lista de Abreviaturas

## Lista de Quadros

<b>PARTE INTRODUTÓRIA</b>	<b>1</b>
1. Justificação do tema e delimitação do estudo	1
2. Estado da investigação	2
3. Objetivos	3
4. Metodologia e estruturação	3
5. Terminologia relevante	4
<b>PARTE I – TEORIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	<b>7</b>
1.1. Uma mudança paradigmática: da equivalência ao <i>skopos</i>	7
1.2. Abordagem funcionalista, <i>Skopostheory</i> e tipologia textual	8
1.3. Teoria da ação e agir translatório	12
1.4. Funcionalismo na formação de tradutores	14
<b>CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÃO DO <i>BRIEF</i> NA PRÁTICA TRADUTÓRIA</b>	<b>16</b>
2.1. Caracterização geral da atividade tradutória	16
2.2. Gestão de projetos de tradução	17
2.3. Competência tradutória	18
2.4. Problemas, estratégias e erros de tradução	20
2.5. Estatuto do <i>brief</i> de tradução	25
<b>CAPÍTULO III: RELEVÂNCIA DO <i>BRIEF</i> À LUZ DAS NORMAS DE QUALIDADE</b>	<b>29</b>
3.1. Avaliação da tradução: parâmetros e metodologias	29
3.2. Critérios de qualidade	32
3.3. Um olhar sobre a Norma Europeia 15038:2004	34
<b>PARTE II – METODOLOGIA E CONCEÇÃO</b>	<b>37</b>
<b>CAPÍTULO IV: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A CONCEÇÃO DE <i>BRIEFS</i> DE TRADUÇÃO</b>	<b>37</b>
4.1. Objetivos e vantagens do <i>brief</i> de tradução	37
4.2. Etapas para a elaboração do <i>brief</i> de tradução	39
4.3. Conteúdo do <i>brief</i> de tradução	39
4.4. Análise textual segundo Nord	40
4.5. Tipos de texto <i>versus</i> tipos de tradução	43

<b>CAPÍTULO V: CONCEÇÃO DE UM MODELO DINÂMICO DE <i>BRIEF</i> DE TRADUÇÃO</b>	<b>46</b>
5.1. Fundamentação e apresentação de protótipo	46
5.2. Estudo de Caso 1 - Tradução do texto pragmático	48
5.2.1. Considerações acerca da tradução do texto pragmático	48
5.2.2. Análise textual e <i>brief</i> de um texto pragmático	49
5.2.3. Adoção de estratégias e resolução de problemas	52
5.3. Estudo de Caso 2 - Tradução do texto técnico	53
5.3.1. Considerações acerca da tradução do texto técnico	53
5.3.2. Análise textual e <i>brief</i> de um texto técnico	54
5.3.3. Adoção de estratégias e resolução de problemas	56
5.4. Estudo de Caso 3 - Tradução do texto científico	56
5.4.1. Considerações acerca da tradução do texto científico	56
5.4.2. Análise textual e <i>brief</i> de um texto científico	57
5.4.3. Adoção de estratégias e resolução de problemas	60
5.5. Estudo de caso 4 - Tradução do texto literário	61
5.5.1. Considerações acerca da tradução do texto literário	61
5.5.2. Análise textual e <i>brief</i> de um texto literário	63
5.5.3. Adoção de estratégias e resolução de problemas	67
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>69</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICES</b>	
A- Norma Europeia de Qualidade 15038:2004 [Projeto]	i
B- Estudo de caso 1 – Texto de Partida	ii
C- Estudo de caso 2 – Texto de Partida	iii
D- Estudo de caso 3 – Texto de Partida	iv
E- Estudo de caso 4 – Texto de Partida	v
F- Exemplos de <i>briefs</i>	vi

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

Foram utilizadas no presente trabalho de projeto as seguintes abreviaturas:

**GPT** Gestor de Projetos de Tradução

**LC** Língua de Chegada

**LP** Língua de Partida

**LSP** *Language for Special Purposes*

**NE** Norma Europeia

**PST** Prestador de Serviços de Tradução

**TC** Texto de Chegada

**TIC** Tecnologias da Informação e da Comunicação

**TP** Texto de Partida

## Lista de Quadros

Quadro 1 - Correlações de tipos de texto e métodos de tradução de Reiss	9
Quadro 2 – Levantamento de elementos contratuais e processuais a constar do <i>brief</i> de tradução	47
Quadro 3 – Protótipo de <i>brief</i> de tradução com base nos perfis textuais de Nord	47
Quadro 4 – Estudo de caso 1: excerto de texto pragmático	49
Quadro 5 – Modelo de <i>brief</i> de tradução do texto pragmático	50
Quadro 6 – Estudo de caso 2: excerto de texto técnico	54
Quadro 7 – Modelo de <i>brief</i> de tradução do texto técnico	55
Quadro 8 – Estudo de caso 3: excerto de texto científico	58
Quadro 9 – Modelo de <i>brief</i> de tradução do texto científico	58
Quadro 10 – Estudo de caso 4: excerto de texto literário	64
Quadro 11 – Modelo de <i>brief</i> de tradução do texto literário	64

## **PARTE INTRODUTÓRIA**

### **1. Justificação do tema e delimitação do estudo**

O presente trabalho pretende examinar o *brief* de tradução enquanto ferramenta útil ao dispor do tradutor durante a etapa pré-tradutória e analisar a sua pertinência no decurso do processo tradutório como instrumento auxiliar na identificação de problemas, adoção de estratégias e tomada de decisão. Neste sentido, faz-se um levantamento de elementos relevantes passíveis de integrarem um *brief* de tradução, em conformidade com diferentes tipos de texto, designadamente o texto pragmático, técnico, científico e literário.

Valorizando a ótica funcionalista, parte-se do princípio de que cada tipo de texto requer uma análise textual distinta e valoriza diferentes aspetos. Assim, com base no postulado de que cada tipologia textual exige estratégias de tradução diferenciadas, contempla-se a hipótese de serem necessários diferentes *briefings* de tradução para cada caso. A partir do modelo proposto por Nord e do levantamento de outros parâmetros e itens, é elaborado um *template* genérico de natureza dinâmica que será posteriormente aplicado a diferentes estudos de caso.

Numa abordagem de tipo ascendente (*bottom-up*), são filtrados elementos extraídos de uma análise textual inicial, propícia à conceção de estratégias macro de tradução. Este exercício empírico situa-se, portanto, numa fase pré-tradutória, podendo ser realizado pelo cliente ou iniciador, pelo gestor do projeto de tradução (GPT) ou pelo próprio tradutor individualmente ou em parceria com os outros agentes.

Neste estudo, não serão tidos em consideração os aspetos cognitivos do processo tradutório.

### **2. Estado da investigação**

O *state of the art* relativamente à investigação no domínio do *briefing* de tradução, ou seja, o ato de comunicar instruções relativas à tradução de um dado documento, demonstra que se trata de uma área parcamente estudada, quer a nível nacional, quer internacional. De facto, não se conhecem em Portugal estudos que abordem exclusivamente o tema. Uma simples pesquisa booleana dos termos '*briefing*', '*brief* + tradução', 'contrato de tradução', 'encomenda de tradução' e

‘instruções de tradução’ em bases de dados académicos disponíveis *online* produz resultados pouco expressivos e, entre os que validámos, verifica-se que nenhum se dedica exclusivamente a esta matéria. Rapidamente se constata que as referências com que nos deparamos estão amiúde associadas a abordagens funcionalistas<sup>1</sup> de autores como Christiane Nord e Katarina Reiss.

Entre os estudos internacionais destacam-se os realizados por teóricos da abordagem funcionalista, que servem de fundamento a este trabalho, e ainda outros mais experimentalistas realizados por Janet Fraser (1993) junto de tradutores profissionais por meio de técnicas de retrospeção e TAPS (*think aloud protocols*)<sup>2</sup>.

Sabemos que certos modelos teóricos de tradução contemplam a relevância de *briefs*, instruções ou especificações e enfatizam a importância dos mesmos no processo tradutório. Porém, o seu uso não se difundiu entre tradutores profissionais.

Mais recentemente, Andrew Chesterman mencionou a possibilidade de os *briefs* de tradução afetarem a forma como os tradutores encaram a tarefa e as decisões tomadas durante o processo tradutório. Contudo, na opinião deste autor, será necessário saber mais sobre a relação entre o *brief*, as características do processo cognitivo envolvido no ato de tradução e as características da tradução final (Chesterman, 2007, p. 78). Há, portanto, indícios de um potencial campo de investigação a explorar relativamente a esta temática, pelo que o presente trabalho visa tão-somente contribuir para esclarecer alguns dos tópicos que interagem na problemática do papel do *briefing* nos projetos de tradução.

### **3. Objetivos**

O atual trabalho de projeto pretende contribuir para a compreensão do papel ou estatuto do *briefing* de tradução e analisar os mecanismos que intervêm na conceção de *briefs*; visa ainda aferir a sua utilidade no decurso do processo tradutório

---

<sup>1</sup> Foi a partir das décadas de 1970 e 1980 que os *Translation Studies* passaram a adotar uma perspetiva funcionalista relativamente ao processo tradutório, enfatizando a função do texto de chegada (TC) e o respetivo recetor e desviando-se do paradigma da equivalência entre o TP e o TC. Insere-se neste âmbito a *skopostheory* preconizada por Vermeer em 1978 (*vide* Capítulo I, secção 1.2).

<sup>2</sup> Nos seus estudos, Fraser descobriu que, num universo estudado de 296 tradutores, apenas 12% recebiam indicação sobre o público-alvo do TC e 21% recebiam informações sobre a respetiva função. Os tradutores observados expressaram dificuldades em obter dos clientes, na prática quotidiana, os recursos necessários (como glossários ou *briefs* adequados) para fazer o seu trabalho (Fraser, 2000, p. 54).

e abordar as vantagens que propõem aos sistemas de controlo da qualidade. Serão analisados os critérios e princípios que regem a conceção de *briefs* de tradução e os elementos a integrar em tal instrumento, em estreita relação com a tipologia textual e a análise discursiva.

A partir de uma abordagem empírica situada numa fase pré-tradutória e eventualmente tradutória, pretende-se propor um modelo dinâmico-funcional de *brief* de tradução, construído com base na proposta de Nord e associado a diferentes tipos de texto, a saber: pragmático, técnico, científico e literário. O produto dessa reflexão visa comprovar a utilidade deste instrumento e contribuir para uma mudança de cultura na prática tradutória, tendo como principal objetivo desmistificar a crença de que o *brief* de tradução possui um valor meramente académico, bem como reforçar as suas qualidades enquanto instrumento central da tomada de decisão e de controlo da qualidade em tradução.

#### **4. Metodologia e estruturação**

Para além da parte introdutória, em que se justifica o tema escolhido e se faz a delimitação do estudo, a síntese do *state of the art*, e apresentação do objetivos e da metodologia seguida, o presente trabalho de projeto é composto por duas partes principais, a primeira das quais é dedicada à **teorização e problematização do tema**. O **Capítulo I** inicia-se com um enquadramento teórico do *briefing* nos Estudos de Tradução, a partir da análise crítica de alguma literatura científica publicada até ao momento e considerada relevante para os tópicos em foco. Dar-se-á ênfase às abordagens funcionalistas de Nord, Reiss e Vermeer, mais estreitamente associadas a este tema. Em seguida, será feita uma problematização do papel do *brief* de tradução na prática tradutória (**Capítulo II**). Serão formuladas hipóteses e levantadas questões relevantes conducentes a uma exploração mais detalhada deste instrumento de trabalho que, colocado ao dispor do tradutor, permite identificar problemas de tradução, delinear estratégias e aplicar técnicas de tradução. Depois de analisado o perfil de competências do tradutor, aprofundam-se, no **Capítulo III**, os aspetos relativos à avaliação da tradução e a normas e critérios de qualidade.

A segunda parte, centrada na **metodologia e conceção**, detém-se nas questões mais práticas e processuais inerentes à elaboração de *briefs*. No **Capítulo IV** serão

abordados vários procedimentos metodológicos utilizados para a conceção de *briefs*, com especial ênfase na análise discursiva e tipos de texto *versus* tipos de tradução. No **Capítulo V**, é proposto um exercício empírico de construção de *briefs* a partir da análise de quatro estudos de caso retirados de um contexto de formação de tradutores. Será feito o levantamento de itens relevantes e construída uma grelha de itens a incluir no protótipo de *brief*. De acordo com os requisitos previstos para um trabalho de projeto desta natureza, é proposto um *template* genérico e dinâmico de *brief*, que não pretende ser prescritivo ou normativo, mas tão-somente servir de base para outros modelos mais detalhados ou como ponto de partida para a criação de instrumentos mais específicos, como guias de estilo ou glossários. Este exercício empírico situa-se sobretudo numa fase pré-tradutória. Proceder-se-á concretamente à análise de quatro estudos de caso representativos de vários tipos de texto (pragmático, técnico, científico e literário) e do respetivo *skopos*, contexto de partida e de chegada (hipotéticos ou reais). Traçados os perfis extra e intratextuais de cada caso, é efetuado um levantamento de elementos divergentes e paralelos, suscetíveis de influenciar as estratégias de tradução a adotar.

## 5. Terminologia relevante

Os conceitos aplicados ao longo deste trabalho de projeto baseiam-se sobretudo em abordagens funcionalistas utilizadas nos Estudos de Tradução, com particular destaque para a emblemática obra de Christiane Nord, *Translating as a Purposeful Activity* (1997), na qual se expõem os diferentes agentes intervenientes na ação tradutória/translatória. Salientam-se:

**Ação translatória** ou **agir translatório** – conjunto de ações desenvolvidas por tradutores, entre as quais se inclui o ato concreto de traduzir.

**Agente** – refere-se à pessoa que se encontra numa posição intermediária entre o tradutor e o utilizador final da tradução. Pode ser o editor que encomenda a tradução.

**Brief** – termo que designa o conjunto de informações reunidas para apoiar o desenvolvimento de um projeto. Para além da descrição de um objeto (marca, empresa, etc.), contém oportunidades, obstáculos, recursos inerentes ao seu

desenvolvimento ou implementação e fins a que se destina. É um instrumento muito utilizado no campo da comunicação, *marketing* e relações públicas como base para o planeamento estratégico de projetos. Implica a transmissão de informação do iniciador do projeto para o prestador de serviços e deste para outros profissionais envolvidos. Há elementos essenciais num *brief*, como o enquadramento/histórico do projeto, objetivos, plano de ação, público-alvo, prazos e custos. Um modelo mais completo pode incluir itens adicionais: análise macro, síntese, caracterização da cultura, *benchmarking*, análise SWOT e diagnóstico.

**Brief de tradução** (*translation brief, translation instructions, cahier de charges, auftrag*) – conjunto de instruções preparadas pelo cliente para acompanhar o projeto de tradução, permitindo a transmissão de informações relevantes sobre o texto de partida (TP), o propósito comunicativo e função do texto de chegada (TC), a descrição do contexto em que será utilizado o produto final, e o recetor ou público-alvo. Permite confirmar a viabilidade do projeto para tradução, fornecendo orientações de tradução e estabelecendo critérios de qualidade. Vermeer usa o termo *Auftrag*, que associa ao inglês *commission*, enquanto Kussmaul prefere *assignment* e Nord opta por *instructions*, enfatizando o seu caráter pedagógico. Num estudo mais recente, Janet Fraser utilizou o termo *brief*, que sumariza a ideia original e reúne consenso. Gambier usa a designação de *cahier de charges*.

**Briefing de tradução** - O termo *briefing* pode confundir-se com *brief*, e ambos tendem a ser utilizados como equivalentes. Contudo, é ponto assente que *brief* é um conjunto de instruções orais ou escritas, enquanto *briefing* consiste na comunicação dessas instruções.

**Iniciador, comitente ou cliente** – pessoa, grupo ou instituição que inicia o processo de tradução, decide sobre o seu desenvolvimento e identifica os fins do encargo tradutório. O iniciador deverá ter conhecimento do conteúdo, fins e utilização do TP e do TC, bem como o poder de influenciar a própria produção do TC, exigindo um dado formato de texto ou uma terminologia específica. O papel de iniciador pode ser assumido por um dos agentes na interação translacional: autor do TP, recetor imediato do TC ou comitente do encargo tradutório.

**Produtor do Texto de Partida** – emissor e produtor do texto não são designações sinónimas. O primeiro é a pessoa, grupo ou instituição que utiliza um texto para transmitir uma mensagem. O produtor do texto é o responsável pelas opções linguísticas ou estilísticas presentes no texto, expressando as intenções comunicativas do emissor. Contudo, ambos os papéis podem ser desempenhados pela mesma pessoa. No contexto de chegada, o tradutor pode ser comparado com o produtor (neste caso, do TC).

**Recetor do Texto de Chegada** – a identificação deste agente deve constar do *brief* e considera-se que tem um peso decisivo no processo tradutório. Distingue-se entre o recetor final e o recetor imediato do TC. O primeiro é o futuro recetor a quem se destina o TC, enquanto o recetor imediato é a pessoa, grupo ou instituição que recebe o produto e o analisa/avalia depois de ter sido produzido. O tradutor deve tentar obter o máximo de detalhes sobre o recetor final ou destinatário (tais como o contexto sociocultural, expectativas, sensibilidade, perceção do mundo).

**Skopos** – no âmbito da tradução, refere-se ao propósito/finalidade da tradução ou à função que o TC deve desempenhar no contexto de chegada.

**Tradução** – são inúmeras as definições possíveis, sendo que o termo pode referir-se, como observa Bell (1991, p. 13), a (1) um processo de traduzir ou atividade tradutória; (2) um produto resultante do processo de traduzir, ou seja, o texto traduzido; (3) um conceito abstrato que engloba, quer o processo quer o produto resultante do mesmo. Na ótica de Nord, tradução é, num sentido lato, qualquer ação translacional em que um TP é transferido para uma cultura e língua de chegada (1997, p. 141).

**Tradutor** – em contexto profissional, assume o papel de intermediário entre o emissor, a mensagem e o recetor, não agindo por conta própria mas por solicitação de uma autoridade (emissor, comitente ou agência prestadora do serviço de tradução) que encomenda a tradução. Deverá ser conhecedor do público, língua e cultura de chegada. Assume um papel fulcral no processo de tradução na medida em que é especialista da ação translacional e assegura o resultado final pretendido pelo cliente. Atua como recetor do *brief* e do texto de partida. Acordados os termos do *brief* com o cliente, deve produzir um TC correspondente às expectativas daquele.

# PARTE I – TEORIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

## CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1.1. Uma mudança paradigmática: da equivalência ao *skopos*

Vários foram os tradutores que, ao longo da história, refletiram sobre a sua atividade e constataram que diferentes situações e textos exigiam estratégias de tradução diferenciadas. As traduções da Bíblia são exemplos típicos, contendo casos em que se optou pela tradução literal (palavra a palavra), e outros em que houve necessidade de interpretar o sentido da mensagem<sup>3</sup>. Teórico e tradutor especializado na tradução da Bíblia, Eugene Nida (1964) propõe uma distinção entre equivalência formal (centrada na forma e conteúdo da mensagem) e dinâmica (baseada no efeito equivalente e no efeito comunicativo extralinguístico). Embora a sua perspectiva se inscreva sobretudo numa vertente sociolinguística, pode afirmar-se que Nida não chegou a aprofundar suficientemente a questão da equivalência dinâmica. Esta será posteriormente retomada no paradigma funcionalista preconizado por Vermeer e Reiss.

A década de 1970 caracterizou-se sobretudo por uma orientação pragmática em que a equivalência era um conceito inquestionável e o TP mantinha o seu primado, o que pressupunha a preservação das suas características de base (conteúdo, forma, estilo, função) no TC. Numa perspectiva normativa, qualquer TC que não cumprisse este requisito seria qualificado como uma não-tradução. Ao longo desta década e da que se seguiu, teóricos e tradutores concluíram que a teoria da equivalência tinha tendência para criar normas contraditórias na seleção de procedimentos, constatando que estes variaram consoante o tipo e o género de texto. Detetavam uma lacuna entre prática e teoria, pelo que se generalizou a perceção de que se impunha uma mudança de paradigma. Surge assim o funcionalismo, perfilhado pelos académicos alemães Hans J. Vermeer, Katharina Reiss, Christiane Nord e Justa Holz-Mänttari.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Tanto S. Jerónimo (348-420) como Martinho Lutero (1483-1546) entenderam que certas passagens da Bíblia, pela relevância da sua mensagem para os crentes, deveriam ser traduzidas palavra a palavra, enquanto noutras passagens se impunha uma interpretação do sentido, de forma a ser melhor apreendido pelo seu público-alvo.

<sup>4</sup> Apesar de partilharem a mesma aceção de tradução, cada um destes autores detém-se num aspeto distinto. Reiss (1976) dedica-se à crítica da tradução e a questões de tipologia textual e métodos de

Reveste-se de alguma pertinência o contributo de Werner Koller (1979) que, influenciado pela vertente pragmática, introduz o conceito de correspondência associado ao de equivalência e considera, tomando como pontos de referência vários parâmetros da tradução, cinco tipos de equivalência entre o TP e o TC, a saber: (1) equivalência denotativa, relacionada com o assunto e as circunstâncias extralinguísticas de um texto (invariância do conteúdo); (2) equivalência conotativa, relacionada com uma multiplicidade de valores conotativos transmitidos pelo texto por via da verbalização, incluindo opções lexicais, quase sinónimos (equivalência estilística); (3) equivalência textual-normativa, relacionada com tipos de texto, normas do texto e convenções da língua; (4) equivalência pragmática/comunicativa, orientada para o recetor ou leitor do texto/ mensagem. Refere-se a textos de divulgação e de publicidade, por exemplo; e (5) equivalência formal/expressiva, relacionada com a forma e as propriedades estéticas do TP, incluindo jogos de palavras e características estilísticas particulares ao TP. Diz respeito sobretudo a textos literários.

Considera-se que Koller se afasta de uma visão de equivalência estritamente lexical e gramatical e procura-a nos planos denotativo, conotativo, textual, pragmático e formal, relativizando o conceito e considerando que não se pode ignorar a dupla ligação da tradução ao TP e às condições comunicativas do recetor no contexto de chegada (1995, pp. 191-222).

## **1.2. Abordagem funcionalista, *Skopostheory* e tipologia textual**

É à etnologia que a teoria funcionalista vai buscar a sua designação, designadamente às teorias de Malinowski (1960), autor que defende que a função de um fenómeno numa dada cultura é condição essencial para que seja objeto de uma análise científica. Uma análise funcional permitirá definir a relação entre uma atuação cultural e uma necessidade humana (Bernardo, 2009, p. 424). Segundo uma abordagem funcionalista, a tradução explica-se a partir das relações de dependência entre diferentes elementos (textuais, situacionais e culturais) e a apreensão do objeto nas suas relações recíprocas com um contexto global mais amplo. Ressalte-se ainda

---

tradução; Vermeer (1984) procura estabelecer uma teoria geral da tradução (*skopostheorie*) em conjunto com Reiss; Nord (1988, 1991) debruça-se sobre aspetos da análise textual e desenvolve uma metodologia de cariz mais pedagógico; Holz-Mänttari (1984, 1988) detém-se no agir translatório, em problemas de formação e na profissionalização de tradutores.

que a abordagem funcionalista recorre a disciplinas como a sociologia, a teoria da cultura, a teoria do texto e a teoria da ação. A interdisciplinaridade é, naturalmente, uma das suas características intrínsecas.

Em finais da década de 1970, o académico alemão Hans J. Vermeer vem propor uma teoria geral de tradução que designa como *skopostheory* (termo que deriva do grego *skopos*, que significa função, propósito, objetivo) e é nela que assentam as bases da abordagem funcionalista<sup>5</sup>. Todavia, já em 1971 Katharina Reiss introduzira uma reflexão sobre a relação funcional entre o TP e o TC, considerando que, numa tradução ideal, a equivalência entre os dois textos deve atender ao conteúdo conceptual, à forma linguística e à função comunicativa. Verificando-se exceções aos requisitos de equivalência, a autora considera que estas devem ser especificadas num *Übersetzungsauftrag*, que Nord traduzirá como *translation brief* (1997, p. 9). Um TC pode destinar-se a um fim ou público-alvo distintos do TP (por exemplo, um conto clássico destinado a um público infantil) e, nesses casos, Reiss considera que constituem *transfers* por oposição a *translation proper*. Pode argumentar-se que a perspetiva funcional se impõe às normas de equivalência.

A ideia fulcral de Reiss é que o método de traduzir depende da função do texto e dos fins para os quais será utilizado pelos seus destinatários ou utilizadores (Quadro 1). Daí que a sua posição seja considerada como ‘funcionalista’ (Pym, 2013, p. 96).

**Quadro 1 - Correlações de tipos de texto e métodos de tradução de Reiss** (Pym, 2013 p. 97)

Tipos de texto 1971	Tipos de texto 1976	Método de tradução
Centrado no conteúdo	Texto informativo	Exactidão do conteúdo, aceitabilidade da forma
Centrado na forma	Texto expressivo	Exactidão do conteúdo, forma correspondente
Centrado no destinatário	Texto operativo	O efeito tem prioridade sobre o conteúdo e a forma

A aplicabilidade das abordagens funcionalistas à tradução de textos pragmáticos é largamente aceite; perante outros tipos de textos, como os literários, esta situação é mais problemática. Não obstante, vários autores defendem a

<sup>5</sup> É possível observar perspetivas funcionalistas ao longo da história da prática de tradução (veja-se o exemplo de Cícero, S. Jerónimo ou Martinho Lutero, que traduziram em função da aceitabilidade do público-alvo).

pertinência da abordagem funcionalista para a tradução de diferentes tipos de texto, desde banda desenhada à legendagem de filmes ou peças musicais.

Em finais da década de 80, Christiane Nord viria a desenvolver, com alguma minúcia, a vertente descritiva da análise textual a fim de determinar a função exata dos textos.<sup>6</sup>

A propósito da função do texto, Anthony Pym descreve, na sua obra *Exploring Translation Theories* (na versão portuguesa, *Teorias Contemporâneas da Tradução*), o exemplo do *Mein Kampf* de Adolf Hitler conforme foi explorado por Vermeer. Este texto pode ser classificado como simultaneamente expressivo (expressa a visão do seu autor), referencial (fornece uma visão histórica) e apelativo (apela à ação). Pym coloca então a questão: Como traduzir este texto? Se a função do TC é equivalente à do TP, teremos um documento destinado a converter mais leitores ao nacional-socialismo. Se o traduzimos como um documento histórico, seria conveniente acrescentar-lhe notas e referências a factos históricos ocorridos na época a que se reporta; por outro lado, o tradutor pode “atenuar o discurso provocador” ou em contrapartida, “tornar as exclamações ainda mais escandalosamente estridentes para anular o efeito da “chamada à ação”, desacreditando-a. Na ótica de Vermeer, o tradutor de *Mein Kampf* teria de dar prioridade, não à função do texto original, mas sim à função que é expectável o texto ter para os seus leitores (2013, p. 98).

Como referido supra, a abordagem funcionalista assenta essencialmente na *Skopostheory* apresentada por Vermeer em coautoria com Reiss, na obra *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*, datada de 1984. Nas suas reflexões, Vermeer baseia-se na ideia de que um texto de partida (TP) é uma oferta de informação que o tradutor usa para preparar um texto de chegada (TC). Por sua vez, este representa uma nova oferta de informação destinada a um recetor na cultura de chegada e orientada para um dado *skopos*, idêntico ou não ao *skopos* do original. É o *skopos* do TC que determina o tipo de tradução que o tradutor opta por realizar.

---

<sup>6</sup> Esta metodologia de análise foi desenvolvida no âmbito da formação de tradutores e contém cerca de 76 perguntas que os alunos devem responder numa fase prévia à tradução. Como veremos no subcapítulo 4.4., trata-se de uma análise centrada em instruções para o TC e depois para o TP, com o propósito de identificar a correspondência e a diferença entre ambos.

Segundo a *Skopostheorie*, não é o TP que define os *standards* de avaliação da tradução, mas sim a funcionalidade ou adequabilidade do TC aos fins pretendidos. Para produzir um TC adequado, o tradutor precisa de reunir informações sobre o contexto situacional do encargo que lhe é proposto. Idealmente, deve ser o emissor, iniciador ou cliente a definir explicitamente estes dados num documento de cariz instrucional (entenda-se, um *brief*). É tarefa do tradutor analisar a viabilidade desse documento e da própria tradução, concluindo se um dado TP é (in)traduzível e podendo até aconselhar o cliente a não dar continuidade ao projeto, caso verifique que o produto não irá satisfazer os fins propostos.

Na ótica funcionalista, a tradução não será um simples ato de descodificação, mas sim um ato de comunicação. O tradutor deve traduzir de forma a permitir que o TC funcione na situação para a qual será utilizado e com os indivíduos a quem se destina, da forma como estes pretendem que funcione: “Each text is produced for a given purpose and should serve this purpose. The Skopos rule thus reads as follows: translate/interpret/speak/ write in a way that enables your text/translation to function in the situation in which it is used and with people who want to use it and precisely in the way they want it to function” (Vermeer, *apud* Nord, 1997 p. 29).

Em suma, o *skopos* da ação translacional é o princípio fundamental de qualquer processo de tradução. Será de assinalar também que o *skopos* é uma variável do recetor ou destinatário da tradução e nele cabem todos os tipos de tradução, inclusivamente a tradução literal ou palavra a palavra, desde que seja esse o objetivo do TC.

What the *skopos* states is that one must translate, consciously and consistently, in accordance with some principle respecting the target text. (...) An optimally faithful rendering of a source text, in the sense of a trans-coding, is thus one perfectly legitimate goal. The *skopos* theory merely states that the translator should be aware that some goals exist, and that any given goal is only one among many possible ones. (...) We can maintain, then, that every reception or production of a text can at least retrospectively be assigned a *skopos*, as can every translation, by an observer or literary scholar etc.; and also that every action is guided by a *skopos* (Vermeer, [1989] 2004 p. 228).

Na sua teoria geral da tradução, Vermeer formula as seis regras do *skopos*: a 1ª regra dita que um TC é condicionado pelo seu *skopos*, isto é, a finalidade do TC

determina a seleção de métodos e estratégias de tradução, com o fim de produzir um resultado funcionalmente adequado; a 2ª regra diz que um TC oferece uma informação (do TP) numa cultura de chegada e numa língua de chegada; a 3ª regra determina que um TC não é claramente reversível, o que significa que a sua função não corresponde necessariamente à do TP (uma retroversão não conduz necessariamente a um texto semelhante ao TP original); a 4ª regra diz respeito à coerência intratextual do TC em relação ao seu recetor. Este deve ser capaz de compreender o TC e de o ter como significativo na situação comunicativa da cultura de chegada; de acordo com a 5ª regra (da coerência intertextual), deve existir coerência entre a informação do TP recebida pelo tradutor, a interpretação deste e a informação codificada para os recetores do TC; a 6ª regra dita que as cinco primeiras se encontram hierarquicamente ordenadas, ou seja, predomina a regra do *skopos*.

Em suma, qualquer texto de partida é tão-somente uma “oferta de informação” a partir da qual cada recetor seleciona os itens que considera importantes. O TC deve obedecer às normas de coerência intratextual, o que implica que o recetor deve ser capaz de o compreender e encontrar sentido na situação comunicativa e na cultura de chegada. A regra da coerência especifica que uma tradução deve ser aceitável face à situação dos recetores, mas como existe uma relação com o TP que o precede, é expectável que se mantenha a coerência intertextual ou fidelidade a esse TP. A ordem hierárquica dita que a coerência intertextual está subordinada à intratextual e ambas estão subordinadas à regra do *skopos*. Se este pressupõe uma função distinta, a norma não será a coerência intertextual com o TP mas a adequação ao *skopos*. Se este exige incoerência intratextual, então deixa de ser válida a norma da coerência intratextual.

### **1.3. Teoria da ação e agir translatório**

Determinados aspetos da tradução podem ser explorados por uma teoria da ação, na medida em que pode encarar-se como uma interação interpessoal, intencional, essencialmente verbal, baseada num texto de partida. Quando emissor e recetor pertencem a culturas diferentes, as situações comunicativas em que se envolvem podem exigir a intervenção de um mediador que facilite a comunicação através do tempo e do espaço. O tradutor assume esse papel, facilitando a comunicação entre comunidades culturais distintas (tradução interlinguística) e

fazendo a ponte entre situações que carecem de um entendimento comum entre emissor e recetor devido tanto a diferenças verbais e não-verbais, como a expectativas ou conhecimentos (Nord, 1997, pp. 16-17).

Neste contexto acional, Vermeer avança com a teoria do agir translatório ou da ação tradutória, que representa o cerne da abordagem funcionalista e deriva da teoria do agir individual, da cooperação e da interação. Conforme assinala Bernardo (2009, p. 442 e seguintes), tal teoria constrói-se em torno de sete perguntas base: **(1) Quem faz alguma coisa?** Ou seja, quem intervém no processo de tradução? Temos o iniciador (que determina a execução da tradução); o comitente (pode coincidir com o iniciador, sendo quem desencadeia a ação translatória propriamente dita); o tradutor (que executa a tradução, define o processo e o traslado (produto)); o recetor do TP e do TC (pode ser aquele para quem a tradução é feita ou o leitor visado). Temos ainda o autor ou produtor do TP, que surge numa posição subalterna. O seu papel é o de fornecer a base para o processo de tradução, base essa que o tradutor tem de utilizar; **(2) O que é que se faz?** O resultado da ação é um produto (TC) criado em conformidade com a cultura de chegada (CC), usado como instrumento de comunicação numa função concreta (que pode diferir da função do TP). O tradutor depara-se com a opção de alterar parcial ou integralmente o texto, ou até de recusar fazer a tradução se entender que esta não serve o fim em causa; **(3) Em que situação?** As circunstâncias dos vários intervenientes do processo influenciam a ação, o que contribui para a individualidade de cada tradução; **(4) Quando?** O desfasamento temporal é um dos fatores com que o tradutor se depara, podendo optar por manter a distância ou anulá-la, fazendo uma interpretação atual da ação inicial; **(5) Para quê?** Esta será a pergunta central, pois refere-se ao objetivo ou finalidade da tradução. A função da tradução deve ser explicada detalhadamente, tendo em conta o recetor visado; **(6) Como?** A finalidade, os recetores e as circunstâncias da situação comunicativa condicionam a estratégia de tradução a adotar, apesar de ser o *skopos* o parâmetro central; **(7) Com que meios?** Refere-se aos canais de comunicação utilizados, a questões culturais relacionadas e a meios auxiliares de que o tradutor se serve para concretizar a sua tarefa.

Enfim, o que Vermeer entende por agir translatório prende-se com a fase de análise prévia do TP e de considerações sobre o TC, e não com os procedimentos a realizar durante a tradução propriamente dita. É neste quadro que situamos o que o autor designou como *Auftrag* ou *commission*, referindo-se às especificações com que o tradutor trabalha para produzir um TC. Será portanto equivalente ao *brief* que é objeto de análise neste estudo.

A teoria da ação conheceu uma adesão imediata por parte de outros académicos, designadamente aqueles que ensinavam cursos de tradução e interpretação nas universidades de Mainz e Heidelberg. Aliás, a metodologia de formação de tradutores foi consideravelmente influenciada pela *Skopostheory* e pela teoria do agir translatório. No modelo de Holz-Mänttari, por exemplo, a tradução surge como uma ação complexa, sob a designação genérica de *Translatorisches Handeln* ou *translational action*, cuja finalidade é a transferência de mensagens entre barreiras culturais e linguísticas, por meio de transmissores de mensagem produzidos por especialistas. A autora enfatiza os aspetos acionais do processo tradutório, distinguindo os papéis de cada participante (iniciador, tradutor, utilizador, recetor da mensagem) e a situação (tempo, lugar, meio) em que decorre a ação. Detém-se em questões de formação profissional de tradutores e analisa os fatores que influenciam o processo de tradução: como procede o tradutor antes de traduzir, o que pondera, para que fim, com que função? Quais as condições do processo, a situação de receção, qual o seu papel e dos outros cooperantes? Por fim, como se encontra especificado o produto a criar?

#### **1.4. Funcionalismo na formação de tradutores**

A aplicação da *Skopostheory* à formação de tradutores iniciou-se pouco depois da publicação da obra de Vermeer e Reiss. Na Universidade de Mainz (Alemanha), no âmbito da formação de tradutores, Hönig e Kussmaul criaram um método orientado para as teorias da comunicação baseadas na ação e na cultura. Ambos defendem a máxima do grau necessário de precisão e demonstram, a partir da análise de casos de tradução no par alemão-inglês, como as estratégias funcionalistas conduzem a soluções apropriadas para problemas de tradução. Na sua ótica, o estudante de tradução deve estar ciente da possibilidade de produzir diferentes tipos de tradução e

saber interpretar *briefs*, obtendo a informação necessária para produzir TCs adequados aos fins pretendidos.

Este paradigma veio transformar a conceção do processo de tradução, como ressalta Nord no seu *Text analysis in translation*: “Early models of linear processes divided in two or three fases were replaced by a circular model with feedback loops, in which the interpretation of the translation brief marks the beginning of the process and the standard for quality assessment at the end” ([1988] 2010 pp. 123-124).

Neste processo, ao invés de estabelecer normas para a produção de um texto equivalente na língua de chegada (LC), a análise pré-tradutória oferece bases para uma comparação entre a oferta de informação do TP e o perfil pretendido para o TC, ou seja, a oferta de informação que se deseja para o TC. Esta comparação serve de base para a seleção de um dado tipo de tradução, sinalização de problemas e formação de um plano holístico de estratégias e procedimentos de tradução que permitirão superar obstáculos, indo ao encontro das funções comunicativas desejadas para o TC, em conformidade com o *brief* de tradução.

## CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÃO DO *BRIEF* NA PRÁTICA TRADUTÓRIA

### 2.1. Caracterização geral da atividade tradutória

Numa ótica funcionalista, a atividade tradutória consiste na produção de signos, por parte de um agente (tradutor), para um recetor que domina os signos utilizados. Esta atividade será, na sua essência, intercultural, na medida em que a língua é parte intrínseca da cultura de um povo. Mas traduzir é também uma ação de processamento textual que engloba elementos verbais e não-verbais, questões situacionais e informações ocultas ou pressupostas que, por sua vez, variam de uma cultura para outra.

No seu artigo “Estratégias de tradução”, Bernardo (2011) conclui que a tarefa tradutória é constituída por diversas fases, no decorrer das quais o tradutor aciona diferentes tipos de conhecimento, designadamente o declarativo ou enciclopédico e o processual. A saber, (1) uma fase a montante (prévia) da tradução, que engloba a receção do TP, a compreensão do mesmo e a pesquisa/investigação necessária para aceder a essa compreensão; (2) a fase de produção escrita do TC, ou seja, a tradução propriamente dita; e por fim (3) a revisão do TC, em que se fazem os últimos acertos e versão final do TC. Estas fases corresponderão, porventura, às duas primeiras estratégias identificadas por Lörscher (2002) como incorporadas na atividade tradutória, orientadas para objetivos e centradas no facilitar da tarefa de tradução, designadamente (1) estratégias de compreensão (colocam-se antes de começar a traduzir): organizacionais, de leitura e análise de texto, de pesquisa terminológica e recuperação de informação e consulta de peritos; e (2) estratégias de produção (surgem durante a tradução), tais como escrever um *draft*, resolver problemas pontuais, finalizar a versão na língua de chegada, estratégias de revisão e de sobrevivência; uma 3ª fase prevista por Lörscher contempla estratégias na fase pós-tradução associadas às formas de apresentação do trabalho, envio da versão final e pagamento.

Os profissionais do setor têm atualmente ao dispor a Norma Europeia 15038:2004, que concebe o trabalho de tradução como a transferência, por parte de um tradutor, de significado da língua de partida para a língua de chegada, produzindo

um texto conforme com as normas do sistema linguístico da língua de chegada e que respeite as instruções recebidas. Neste processo, o tradutor dará especial atenção aos seguintes parâmetros: a) Terminologia da área específica ou fornecida pelo cliente, bem como coerência terminológica em toda a tradução; b) Gramática: sintaxe, ortografia, pontuação, ortotipografia, marcas diacríticas; c) Léxico: coerência lexical e fraseologia; d) Estilo: conforme com o manual de estilo próprio ou do cliente, incluindo variantes de registo e de linguagem; e) Particularidades locais: convenções locais e normas regionais; e, por fim, f) Formatação.

Na etapa final da sua tarefa, o tradutor verifica a tradução realizada, confirmando se foram respeitados os parâmetros previamente definidos. Efetua então as correções necessárias. Dependendo das especificações do serviço, pode ser necessário proceder a uma revisão técnica, assegurada por um revisor técnico, com competência na área. Deve efetuar-se uma revisão monolíngue para avaliar a adequação da tradução final relativamente ao objetivo acordado (avaliação do registo da tradução e o respeito pelas convenções da área científica em questão).

## **2.2. Gestão de projetos de tradução**

Segundo a referida norma, a gestão de projetos inclui procedimentos como: (1) controlo e supervisão do processo de preparação; (2) designação de tradutores para o projeto; (3) designação de verificadores, revisores e revisores técnicos; (4) designação de outros especialistas envolvidos em quaisquer serviços de valor acrescentado para o projeto; (5) envio de instruções a todas as partes envolvidas no projeto; (6) controlo e supervisão do calendário relativo ao processo; (7) comunicação estreita entre todas as partes envolvidas no processo, incluindo o cliente; 8) autorização da entrega do serviço concluído.

Não raramente, o tradutor opta por criar a sua empresa e assumir o papel de gestor de projetos de tradução (GPT), canalizando parte do seu trabalho para outros profissionais/*freelancers* e retirando uma taxa referente à tarefa de gestão de projeto. Neste cenário, tal função inclui a relação com o cliente, a preparação do texto a traduzir e a revisão final do texto submetido pelo tradutor antes da entrega ao cliente.

A verificação final do TC deve ser assegurada pelo prestador de serviços de tradução (PST) ou gestor de projetos de tradução (GPT). A Norma confirma que é da competência do PST verificar se o produto está em conformidade com as especificações do cliente. Este procedimento incluirá, consoante as exigências do projeto, a comparação entre o TP e o TC para assegurar a coerência da terminologia, bem como a adequação do registo e estilo. Devem ser tomadas as medidas corretivas necessárias para alterar a tradução ou retraduzir, de acordo com os procedimentos internos do prestador.

### **2.3. Competência tradutória**

Uma breve consulta sobre o tipo de competências que se reconhecem ao tradutor permite-nos constatar que a capacidade para compreender e cumprir as instruções do cliente é crucial. Efetivamente, reconhecem-se ao tradutor variadas competências, não bastando ser fluente no par de línguas em que trabalha. Começamos por mencionar a própria NE 15038:2004, a qual abrange o leque de competências reconhecidas aos prestadores de serviços de tradução, a saber, (1) competência em tradução: capacidade para traduzir textos a nível profissional, incluindo a avaliação de problemas de compreensão e produção textual; produzir um TC em conformidade com o “acordo” feito com o cliente; fundamentar as opções seguidas no projeto; (2) competência linguística e textual nas línguas de partida e chegada: capacidade para compreender a LP e domínio absoluto da LC; conhecimento das convenções a nível dos tipos de texto em língua corrente e especializada e capacidade para aplicar este conhecimento durante a produção textual; (3) competência na pesquisa, aquisição e tratamento de informações: capacidade para adquirir conhecimentos linguísticos e especializados adicionais que permitam a compreensão do TP e a produção do TC; saber utilizar ferramentas de pesquisa e capacidade para desenvolver estratégias adequadas à utilização eficiente das fontes de informação disponíveis; (4) competência cultural: capacidade de utilizar as informações sobre a base de conhecimentos e as particularidades locais ou ambiente cultural, as normas de comportamento e os sistemas de valores que caracterizam as culturas de partida e chegada; (5) competência técnica: capacidade e especialização

necessária para execução de traduções. Inclui a capacidade para utilizar as tecnologias de informação e de recolha de terminologia.

No contexto específico em que decorre a atividade tradutória interagem diversos fatores que afetam a competência do tradutor perante cada projeto e influenciam a qualidade do produto final. Temos, por exemplo, o nível de complexidade do TP, o prazo concedido para realizar a tarefa, o grau de familiaridade com o tema, eventuais requisitos excepcionais impostos pelo cliente e até o recurso a meios auxiliares (bibliografia, consulta de peritos e de instituições). Se alguns destes fatores são externos ao tradutor, outros são intrínsecos à sua competência profissional e capacidades cognitivas.

Ao explicitar aspetos da fiabilidade do tradutor, Robinson (1997, pp. 12-13) distingue entre: (1) fiabilidade ao texto, que engloba a atenção ao detalhe (*contextual and collocational nuances*); a sensibilidade às necessidades do cliente (o tradutor tem em conta as instruções do cliente quanto ao tipo de tradução que pretende, entende na íntegra essas instruções e executa-as com exatidão e flexibilidade); a capacidade de investigar em bases de dados, obras de referência, instituições, etc., e de verificação final do trabalho antes de o submeter ao cliente; (2) fiabilidade ao cliente, em que se integram aspetos como a versatilidade (para traduzir textos fora da área de especialização), o compromisso para cumprir prazos, a amabilidade e disponibilidade, a confidencialidade; e, (3) fiabilidade à tecnologia (*hardware e software*). O tradutor deve manter-se atualizado na área das TIC.

Todavia, como sublinha Robinson, “the demands placed on the translator by the attempt to be reliable from the user’s point of view are sometimes impossible; sometimes disruptive to the translator’s private life; sometimes morally repugnant; often physically and mentally exhausting” (*Ibid.* p. 29). A ética profissional, ou se preferirmos, o *ethos*, será o que impele o tradutor a assegurar essa fiabilidade, ainda que tal implique sacrifícios pessoais, familiares e o bem-estar físico e mental.

Para concluir, entre as variáveis que se conjugam no perfil de competências do tradutor, constatamos que algumas contemplam a comunicação com o cliente e respondem a questões como: a tarefa inclui instruções? O tradutor compreende-as? Concorda com tais instruções? Orienta a sua tarefa nesse sentido?

#### 2.4. Problemas, estratégias e erros de tradução

Ao rececionar o texto de partida, o tradutor ativa conhecimentos e intuição para interpretar o conteúdo do mesmo. Os problemas com que se depara no decurso deste processo de análise e interpretação vão suscitar a adoção de estratégias e planos de atuação gerais ou específicos que contribuem para a resolução eficaz dos problemas detetados. Autores como Bernardo distinguem entre *processos* (que englobam as três fases mencionadas previamente na Secção 2.1.); *estratégias* (opções globais ou parciais); e *operações* (a forma final que as opções do tradutor assumem no texto traduzido). Como observa a autora referida, a complexidade do processo tradutório consiste num “misto de automatismos e de criatividade, de intuição e de reflexão, de ações controladas e de soluções surgidas livremente” (2011 p. 437).

De facto, no escopo dos processos cognitivos de compreensão e produção textuais que caracterizam a atividade tradutória, englobam-se reações espontâneas associadas a vários tipos de conhecimento (processual, do mundo, das línguas e das culturas envolvidas). A intuição e a criatividade manifestam-se através de propostas imediatas de tradução ou em reações desencadeadas por dificuldades com que se depara o tradutor e que exigem reflexão. A tradução será, na verdade, uma atividade propícia à aplicação de estratégias, pois envolve uma necessidade permanente de tomada de decisão.

Um número considerável de autores debruçou-se sobre este aspeto. No seu artigo “Translation strategies and tactics”, Gambier (2010) encara a estratégia de tradução como uma sequência de etapas localmente implementadas, sujeitas a monitorização e alteradas de acordo com uma dada situação.

Chesterman (2007, p. 92) distingue entre estratégias globais e locais, e entre estratégias de compreensão e de produção (estas últimas são ferramentas conceptuais que permitem obter um resultado final positivo e operam a nível sintático, semântico ou pragmático enquanto se formula o texto de chegada).

Em suma, podemos considerar que estratégias de tradução são operações mentais engendradas por um tradutor para resolver problemas que surgem durante o processo. Como afirma Lörscher, “They range from the realization of a translational

problem to its solution or the realization of its insolubility by a subject at a given moment” (2002 p. 101). Atente-se ainda no facto de poderem ser controladas ou não, conscientes ou automatizadas.

No âmbito do presente estudo, merecem a nossa atenção as designadas macroestratégias delineadas na fase prévia à produção textual, ou seja, a fase da análise do TP e do *skopos* do TC. É nesta fase de análise, em que são desencadeadas estratégias de compreensão, que Lörscher situa as estratégias organizacionais, de leitura, de análise de texto, de pesquisa terminológica e de informação e consulta de peritos, entre outras. As estratégias globais, a nível macro, influenciam as locais (a nível micro, que operam a nível cognitivo e de produção textual) e podem ser definidas num *brief* de tradução pelos principais agentes do evento tradutório. Já as táticas ou procedimentos de tradução, sendo da responsabilidade do tradutor, atuam a nível local (seja conscientemente ou por rotina automatizada). Ambos os aspetos estão envolvidos na execução da tarefa de tradução.

Para criar traduções fluentes na língua e cultura de chegada, o tradutor pode ter necessidade de reescrever, adaptar ou reestruturar o conteúdo do TP, ou ainda alterar as referências culturais para ir ao encontro das expectativas do recetor. Para tal, é obrigado a adotar uma estratégia global consentânea com o *brief* que deverá, idealmente, conter um conjunto de orientações preliminares que apoiam a adoção de tal estratégia e respondem a questões de natureza pragmática, como “Que tipo de tradução pretende o cliente?”, “Qual é a relação geral entre o TP e o TC?”, “Preserva-se a função do TP?”. As decisões a tomar pelo tradutor neste nível macro contemplam aspetos económicos, culturais, políticos, ideológicos, linguísticos e ainda constrangimentos técnicos. O tradutor pode optar pela não-tradução ou pela reescrita completa ou pode ter de optar entre: uma tradução integral ou resumida, literal ou livre; a adequabilidade da tradução (orientada para o TP) ou a aceitabilidade (orientada para o TC); maior fluência (domesticação) ou exotização (estranhamento); equivalência formal ou equivalência dinâmica. Neste contexto, a estratégia global consiste em construir e legitimar um determinado tipo de texto e de identidade e em determinar a relação de poder entre o par de línguas e culturas (Gambier, 2010, p. 5).

Dependendo do contexto – considere-se uma sentença de tribunal – pode ser preferível uma tradução interlinear a uma tradução fluente em termos comunicativos.

Acrescente-se que um *brief* de tradução mais exaustivo pode conter um conjunto de normas operacionais que visam gerir as estratégias locais com que o tradutor se depara no ato de tradução, e responde a perguntas do género: “Como reformular o registo de língua?” ou “Como reorganizar a estrutura textual?”. A este nível micro situam-se as soluções descritas por Chesterman como intratextuais (explicitação, adição, omissão) e extratextuais (necessidade de escrever um preâmbulo, adicionar notas de rodapé ou um glossário), devendo estas últimas ser decididas com o cliente ou comitente.

Porém, antes de aplicar uma estratégia local, o tradutor deve certificar-se de que existe um problema translacional, identificar uma solução provisória ou definitiva e tomar então uma decisão. A consciencialização é um pré-requisito para a resolução de problemas. É certo que a utilização frequente de certas soluções pode tornar-se rotineira e conduzir ao automatismo na tomada de decisão, o que faz com que esta não seja totalmente consciente.

Gambier ressalta que, mesmo que a tradução não ofereça problemas, tal não exclui a adoção de estratégias. O que sucede é que as ações do tradutor situam-se entre estratégias inconscientes, pré-conscientes, potencialmente conscientes e conscientes, consoante a situação. Sob pressão de tempo, o tradutor pode não conseguir justificar a sua decisão. Em geral, cada decisão resulta de uma atividade racional, baseada na ponderação de riscos, custos, benefícios, recuos, alternativas, comparações, soluções prévias de traduções anteriores e antecipação da reação do cliente e do leitor (2010, pp. 416- 417).

Os problemas de tradução também podem exigir estratégias *ready-made* (como sucede com a tradução de metáforas e nomes compostos em inglês, entre outros), ou prendem-se com aspetos específicos de um determinado trabalho. Este tipo de problema pode ser de ordem linguística, textual, extralinguística ou cultural, e a sua relevância depende da experiência do tradutor. Ou seja, um problema com que se depara o tradutor inexperiente pode não constituir um problema para outro mais experiente ou para o cliente.

Como sublinha Gambier, se considerarmos o problema um aspeto central no processo de tradução, será importante decidir quem determina se e onde existe um problema (2010, p. 415). Um trocadilho ou um topónimo podem não colocar dificuldades a um tradutor, mas a solução encontrada pode tornar-se problemática para o recetor. Do mesmo modo, um estereótipo pode colocar um problema na produção do texto de chegada.

Neste sentido, a preparação do *brief* de tradução significa que é possível identificar problemas de tradução com antecedência e monitorizá-los. Uma comparação entre o TP e o perfil pretendido para o TC revela quais os elementos linguísticos e informativos a manter e os ajustes a fazer para alcançar os fins requeridos no contexto de chegada.

Importa reter que a noção de problema é dinâmica e relativa (Toury, 2011), sendo por vezes difícil distinguir claramente entre problema e dificuldade de tradução. Por problema entende-se um obstáculo objetivo que não deve ser confundido com dificuldade, esta mais subjetiva e dependente da competência tradutória, linguística e cultural de cada tradutor. A propósito desta questão, Nord salienta que “Translation problems will always remain problems, even when a translator has learnt how to deal with them rapidly and effectively” (1997 p. 64). Na sua ótica, os problemas de tradução podem ser categorizados como pragmáticos, culturais, linguísticos ou específicos do texto (*Ibid.*, pp. 66-68).

Os problemas pragmáticos emergem das diferenças entre as situações de partida e de chegada e identificam-se através da verificação de fatores extratextuais (emissor, recetor, meio, tempo, lugar, motivo, função textual). Esta classe de problemas surge em qualquer tarefa de tradução, independentemente das culturas ou línguas envolvidas.

Problemas culturais são os que resultam de diferenças nas normas e convenções que orientam a conduta verbal e não-verbal das culturas envolvidas. Referem-se a convenções e marcam presença em todas as traduções, especialmente as instrumentais.

Os problemas linguísticos derivam das diferenças estruturais no vocabulário, sintaxe e características suprasegmentais das duas línguas. Alguns são restritos ao par de línguas, como os cognatos e *false friends* ou as equivalências de um-para-um ou um-para-nenhum.

Segundo Nord, uma tradução funcional deve iniciar-se no sentido *top-down*, começando no nível pragmático, seguindo-se o nível cultural, onde se decide entre função documental *versus* instrumental. Passa-se depois ao terceiro nível, em que se identificam os elementos funcionais do TP a reproduzir como tal e os elementos a adaptar aos conhecimentos, expectativas e necessidades comunicativas do destinatário (1997, p. 68).

Passemos ao conceito de erro de tradução. Na ótica funcionalista, erro de tradução define-se sobretudo em relação ao cumprimento da função do TC e das expectativas do recetor. Ambos os aspetos devem constar do *brief* de tradução, instrumento central que determina qual a situação comunicativa e o contexto em que será utilizado o TC. Nord vai mais longe e define erro de tradução como uma falha no cumprimento das instruções dadas pelo cliente. Na sua classificação funcional de erro de tradução, a autora distingue entre erros pragmáticos, semânticos, idiomáticos, ortográficos, linguísticos ou estilísticos (1997, p. 75).

Se é certo que o termo “erro” remete de imediato para a ideia de que algo está errado, no contexto da atividade tradutória é algo que resulta da relação entre o TP e o TC e da situação comunicativa concreta definida por condições pragmáticas (emissor, recetor, tempo, lugar e finalidade da tradução) e por contextos e normas culturais que podem divergir entre o TP e o TC. Por conseguinte, erros de tradução ocorrem porque alguma coisa correu mal durante a passagem do TP para o TC.

Autores como Gyde Hansen assumem a noção de que o erro de tradução pode ser causado por discrepâncias ou mal-entendidos em relação ao *brief* de tradução ou ao conteúdo do TP, quando não se encontra, por exemplo, um significado exato na língua de chegada, quando se perpetuam erros factuais, erros de terminologia ou falhas estilísticas ou uma diversidade de interferências entre TP e TC:

Translation ‘errors’ can be caused by misunderstandings of the translation brief or of the context of the ST, by not rendering the meaning of the ST accurately, by factual mistakes

terminological or stylistic flaws, and by different kinds of interferences between ST and TT. Interferences are projections of unwanted features from one language to the other and from ST to TT. They occur because of an assumption of symmetry between the languages and/or cultures which may appear in some cases, but not in the actual case. (...) interferences can be characterized as cultural, pragmatic, text-linguistic, semantic, syntactic or stylistic errors (2010 p. 385).

Atentando numa classificação funcional, podemos distinguir entre quatro categorias de erros de tradução: (1) pragmáticos, causados por soluções inadequadas a problemas pragmáticos tais como a falta de orientação do recetor; (2) culturais, causados por uma decisão inadequada quanto à reprodução ou adaptação de convenções específicas de uma cultura; (3) linguísticos, causados por uma tradução inadequada relativamente à estrutura da língua; (4) específicos do texto, relacionados com problemas ligados ao texto em concreto e que podem ser avaliados de forma pragmática ou funcional (Nord, 1997, p. 75).

Acrescente-se que a resolução do erro pragmático depende do senso comum. Deteta-se por meio da comparação entre TP e TC à luz do *brief* de tradução. Esta ação dá origem à primeira decisão no processo de tradução, que se refere ao tipo de tradução mais adequado à finalidade do encargo.

A hierarquia dos erros de tradução culturais e linguísticos depende da influência que exercem sobre a função do TC. Retornamos, pois, à pertinência do *skopos*.

## **2.5. O estatuto do *brief* de tradução**

Teóricos como Hans Vermeer, Christiane Nord, Justa Holz-Mänttari e Janet Fraser debruçaram-se sobre a importância de dispor de um conjunto de instruções a transmitir ao tradutor acerca do TP e TC, especificamente a sua função, caracterização do público recetor e expectativas do cliente quanto ao produto a criar. Esse conjunto de instruções, a que se atribuiu a designação de *brief*, adquiriu um papel que ainda hoje lhe é reconhecido no setor do ensino da tradução ou da formação de tradutores: o de uma ferramenta didática utilizada por docentes de cursos técnicos de tradução.

Segundo Vermeer, “someone who translates undertakes to do so as a matter of deliberate choice (I exclude the possibility of translating under hypnosis), or because

he is required to do so. One translates as a result of either one's own initiative or someone else's: in both cases, that is, one acts in accordance with a *commission* (*Auftrag*)", definida pelo autor como "the instruction, given by oneself or by someone else, to carry out a given action – here: to translate" ([1989] 2004 p. 229).

Vermeer salienta a necessidade de uma mudança de atitude entre tradutores e clientes quanto à transmissão de informações detalhadas. A sua *commission* deve incluir aspetos negociados entre cliente e tradutor, como sejam os objetivos e as condições, incluindo prazos e orçamento. Os termos deste encargo só devem ser conclusivos depois de aceites pelo tradutor, pois este é o perito da ação translacional e é ele quem decide se a tradução é viável. A exequibilidade (*realizability*) de um determinado encargo de tradução depende da relação entre a cultura de chegada e o TP. Se a discrepância entre ambos for muito grande, a tradução não é viável, sendo preferível optar pela reescrita ou adaptação. Segundo este autor, traduzir de acordo com um *skopos* e uma *commission* detalhada favorece a adoção de macroestratégias e de métodos de tradução apropriados.

Por sua vez, Christiane Nord (1997, p. 59) também ressalta três aspetos que, numa perspetiva funcionalista, auxiliam os tradutores a produzir textos de forma sistémico-funcional, a saber: 1) a relevância do *brief* de tradução; 2) o papel da análise do texto de partida; 3) a hierarquia funcional dos problemas de tradução.

Não obstante, observa-se que, de um modo geral, o *briefing* é sistematicamente menosprezado por prestadores de serviços de tradução e respetivos clientes. Consequentemente, os tradutores não contam habitualmente com uma ferramenta essencial para realizar o seu trabalho, ou seja, não recebem dos clientes quaisquer instruções para a tarefa a realizar, para além da indicação de prazo. É provável que tal se deva ao desconhecimento quanto à utilidade do *brief* para a qualidade do traslado. Outras razões podem prender-se com o facto de a atividade tradutória ser mal compreendida, sendo inclusive subestimada enquanto atividade profissional. Muitos clientes de agências de tradução não têm consciência dos processos inerentes à prática tradutória e encaram-na como um mero exercício de verter de uma língua para outra, substituindo sintagmas de uma LP para uma LC. Pressupõem que tal exercício é algo mecânico e ignoram as relações de significação e a

intersubjetividade entre duas culturas diferentes. Por conseguinte, questões mais complexas como a adoção de estratégias (macro e micro), barreiras linguísticas, situacionais e culturais e processos de tomada de decisão destinados a resolver problemas pragmáticos e culturais, entre outros, passam ao lado daqueles que atuam enquanto comitentes de encargos tradutórios.

Pode argumentar-se que, atualmente, a Internet proporciona ferramentas de tradução automática que potenciam a ilusão de que “traduzir é fácil” (aliás, uma expressão bastante comum) e que uma boa parte do trabalho é assegurada por *machine translation*. Lamentavelmente, alguns tradutores cometem o erro de pensar da mesma forma, por preguiça, economia de tempo, ou outras razões, o que contribui largamente para uma subestimação generalizada da profissão. As consequências desta mentalidade intra e extra profissão materializam-se em trabalhos executados com pouco rigor e a reduzido valor de mercado. Esta realidade coloca um sério entrave a profissionais que adotam um determinado *ethos* profissional e se deparam com a incompreensão dos clientes relativamente a preços ou prazos que praticam ou a solicitações apresentadas (em concreto, a pertinência de obterem instruções com vista à produção de um TC adequado às necessidades do cliente/recetor final).

Não raramente, perante trabalhos mais complexos, os tradutores produzem mentalmente um *brief* hipotético que os orienta, ainda que não explicitamente<sup>7</sup>. Estabelecem, assim, um *skopos* que pode, contudo, divergir daquele que o cliente pretende. Esta é, efetivamente, uma situação a evitar, na medida em que pode colocar problemas à avaliação final da qualidade e originar um *feedback* negativo.

Como salienta Vermeer, “every translation commission should explicitly or implicitly contain a statement of *skopos* in order to be carried out at all. Every translation presupposes a commission. Even though it may be set by the translator to himself” ([1989] 2005 p. 228).

---

<sup>7</sup> Um estudo sobre *briefing* de tradução conduzido por Schjoldager e Zethsen (2003) debruçava-se sobre o estabelecimento do *skopos* por parte de tradutores profissionais. Os resultados apuraram que estes se baseavam em elementos como tipo de texto, nome do cliente, *headline* da tradução, análise textual do TP, ou ainda nas expectativas do cliente após a receção do produto final. Através da análise do TP, conseguiam estabelecer o *skopos* final sem contarem com um *brief* explícito (Jansen, 2009, p. 3).

É evidente que nem todos os encargos de tradução requerem a preparação de um *brief*, pois um tradutor profissional consegue, por si só, estabelecer a função/finalidade do TP a partir da análise textual e tipo de texto que tem em mãos. Porém, num contexto profissional e perante um encargo tradutório de “peso e medida”, o tradutor deve dispor de um *brief* e, caso não lhe seja entregue um, então deve solicitá-lo ao cliente. Os termos deste documento podem e devem ser negociados entre ambas as partes, o que significa que o tradutor pode solicitar modificações ao *brief* ou contrato de tradução. Analisemos, em seguida, a relevância desta ferramenta no âmbito de uma política de gestão da qualidade.

### **CAPÍTULO III: RELEVÂNCIA DO *BRIEF* À LUZ DAS NORMAS DE QUALIDADE**

A avaliação da qualidade tem sido objeto de estudo por parte de autores como House, Koller ou Gouadec. Por conseguinte, têm vindo a surgir definições, classificações e *rankings* de erros destinados à avaliação da qualidade das traduções em conformidade com os fins e a situação em jogo. Gouadec não hesita em estabelecer uma relação direta entre o *cahier des charges* e a qualidade da tradução, defendendo que tal instrumento deve indicar explicitamente o nível de qualidade exigido, os critérios de qualidade selecionados e o método a utilizar para avaliação da tradução. Na ótica deste autor, um dos critérios de avaliação da qualidade da tradução é a medição do tempo requerido para fazer a revisão final: “Evaluer les carences d'une traduction, c'est mesurer le temps nécessaire pour rétablir la part de qualité manquante, quelle que soit la nature de cette dernière. L'évaluation financière prend en compte le coût de la révision en termes de «manque à traduire» ou «manque à produire» de l'auteur de la révision” (1989 p. 55).

#### **3.1. Avaliação da tradução: parâmetros e metodologias**

Na problemática da avaliação da tradução intervêm vários fatores, sendo a própria conceção de tradução um elemento chave. Traduzir pode ser visto quer como o processo de verter um texto de uma língua para outra, quer como o produto desse processo, o translado. Qualquer conceção de tradução deve reconhecer a tripla natureza desta atividade, que consiste numa operação entre textos; num ato de comunicação; e na atividade cognitiva de um sujeito com competências específicas. A partir desta caracterização, poder-se-á definir tradução como “un proceso interpretativo y comunicativo consistente en la reformulación de un texto com los médios de outra lenga que se desarrolla en un contexto social y com una finalidad determinada” (Hurtado Albir, 2001 p. 41).

Na perspetiva do avaliador, a base de avaliação de uma tradução será a adequação ou inadequação das soluções propostas pelo tradutor para satisfazer requisitos fixados no caderno de encargos (*brief*), incluindo os problemas de tradução que porventura constem deste documento. As estratégias de resolução destes problemas devem ser consistentes com o tipo de tradução requerido pelo *brief*.

Ressalte-se que avaliar não é sinónimo de rever. Fala-se em revisão de texto quando o produto não está finalizado. Já a avaliação é algo que determina o nível de qualidade de um trabalho de tradução. Para além de ajudar a identificar os problemas na fase pré-tradutória e de apoiar o tradutor na delineação de estratégias, o *brief* constitui também uma ferramenta útil para o cliente, PST ou GPT na fase de verificação, monitorização ou avaliação final do produto ou do serviço prestado.

Na perspetiva do tradutor, um *brief* detalhado e eficazmente preparado e negociado pode representar um argumento de defesa contra críticas sem fundamento por parte do cliente. Por outras palavras, o tradutor pode recorrer ao *brief* para fundamentar determinadas opções que o cliente não compreende ou aceita.

O problema de avaliar uma tradução, como salienta Paiva, é que não se encontra uma resposta única para uma pergunta, “mas respostas múltiplas para uma mesma pergunta, ou seja, múltiplas traduções credíveis para o mesmo texto e o mesmo trabalho de tradução, pois uma parte do produto final depende da liberdade, da criatividade, da personalidade do tradutor, e não só da sua competência tradutológica” (2004 p. 299).

Será importante reter que uma tarefa de tradução contempla elementos variáveis e invariáveis, sendo estes últimos aqueles que podem submeter-se a uma avaliação por permitirem a utilização de um sistema binário de certo/errado. Acresce que os próprios critérios de avaliação também podem variar consoante as épocas, normas literárias e métodos em vigor (como dar primazia à tradução literal ou livre).

A avaliação de uma tradução só é viável se existirem parâmetros de avaliação e a precisão desta dependerá da precisão dos próprios parâmetros. Distinguem-se, *a priori*, dois parâmetros essenciais: o respeito pela língua de chegada e a transferência do sentido do texto de partida (*Ibid.*, p. 302). Embora os parâmetros de avaliação do produto final devam constar do *brief*, na ausência do mesmo, o avaliador pode basear-se nas “regras da arte”, ou seja, no conjunto de práticas estabelecidas e tidas como aceitáveis num determinado meio.

Afinal, o que é que se pode avaliar numa tradução? Basicamente, será o conteúdo semântico de um texto que se destaca da forma de expressão, e que é

ditado pelo original. Já a forma de expressão é ditada pelas normas e convenções da cultura de chegada. Paiva (2004 pp. 299-302) observa que todas as grelhas de avaliação devem refletir a dicotomia transferência/língua, que é como quem diz, sentido/forma de expressão. Segundo um levantamento feito por esta autora, num texto traduzido importa verificar

a leitura correcta e objectiva do sentido; a análise subtil de conceitos e da intenção do autor; o trabalho rigoroso de transmissão do sentido, numa linguagem equivalente à do texto original (e apropriada em relação ao destinatário e à finalidade); a redação correcta e a organização do texto adequada à sua natureza e finalidade; a correcção gramatical absoluta; o registo e estilo apropriados e consistentes; a terminologia correcta e fraseologia apropriada.

Por sua vez, Gouadec (1989 p. 53) faz alusão ao respeito por determinados parâmetros de qualidade, a saber,

En principe, tout traducteur sérieux souscrit implicitement a un code imposant, au moins: Le respect de toute prescription du donneur d'ouvrage (après négociation si la prescription initiale semble aberrante); Le respect du principe de cohérence terminologique imposant toujours une même désignation pour un même objet ou un même concept dans l'intégralité du document traduit; L'obligation absolue de compréhension totale de tout segment du texte avant sa traduction; Le respect des «règles de l'art».

Relativamente às metodologias, considera-se que são vários os métodos que se podem utilizar para avaliar um texto traduzido, entre os quais destacamos:

- Comparar os dois textos (TP vs TC). Este método é usado na literatura comparada, textologia bilingue ou ensino de línguas;
- Utilizar um *brief* preparado em função das necessidades do destinatário, o qual permitirá filtrar problemas e erros de tradução. A ausência de tal instrumento significa que toda a avaliação é subjetiva, pois dependerá dos critérios e valores do avaliador ou da perceção deste quanto às necessidades do destinatário/cliente, o que tem o valor de uma interpretação “em segunda mão”<sup>8</sup>;
- Solicitar a opinião de peritos nas áreas em causa;
- Comparar o produto da tradução com outra tradução similar de valor reconhecido;

---

<sup>8</sup> Conforme sublinhado por Paiva (2004, p. 303).

- Obter respostas de indivíduos que leram a tradução, mas utilizando o original, para ficar com a ideia de que entenderam a mensagem transmitida.

A avaliação pode decorrer em três níveis: (1) apreciação da qualidade linguística do texto traduzido; (2) apreciação das condições de entrega do texto, de acordo com o contrato; (3) *feedback* ou o grau de satisfação do cliente. Considera-se que o “sucesso da tradução depende do grau de sinergia criado pela convergência destas três formas de avaliação por um resultado comum” (Paiva, 2004 p. 303).

### **3.2. Critérios de qualidade**

É ponto assente que a qualidade de um serviço é considerada “boa” quando prestador e cliente estão satisfeitos com o processo de prestação desse serviço e, obviamente, com o seu resultado. No âmbito da tradução, existe a convicção de que, se o tradutor adotar estratégias relevantes e procedimentos rigorosos, o risco de obter um produto de má qualidade é menor. Presume-se que o cliente tenha uma parte ativa no processo ao fornecer o material necessário, apoio técnico, terminologia e ainda validação de estratégias, diretrizes, instruções e especificações (Gouadec, 2010, pp. 270-275).

À semelhança de outros contextos profissionais, também na tradução a qualidade na prestação do serviço depende da perspetiva do agente. Assim, do ponto de vista do tradutor e do prestador, a “boa” qualidade do serviço de tradução significa, em termos práticos, que o cliente providenciou um *brief* claro e completo e um documento limpo para tradução, mostrou-se disponível para apoio técnico e para validar propostas, concedeu tempo suficiente ao tradutor para completar a tarefa e verificar a tradução, não interferiu excessivamente no processo, forneceu informações, conselhos, ajuda, confirmação e recursos e pagou um preço justo dentro do prazo estipulado para pagamento. Do ponto de vista do cliente, o mesmo conceito significa que a transação satisfaz as suas necessidades em termos de eficiência e de adequabilidade do material traduzido à finalidade, tipo, meio e público – e por conseguinte, satisfaz implicitamente os requisitos de exatidão e fiabilidade da tradução. Também significa que o tradutor possuía as competências e capacidades exigidas, seguiu as orientações e especificações exigidas no *brief*, desenvolveu os

esforços necessários para se documentar sobre o tema, terminou a tempo, verificou a qualidade do produto final e cobrou o preço adequado (*Ibid.*, p. 271)

Na qualidade na prestação de um serviço de tradução intervêm outros agentes, como o cliente, o gestor de projeto, o revisor, o terminologista, ou profissionais de infografia (paginadores e editores eletrônicos) que colaboram no processo.

Na ótica do autor supracitado (*Ibid.*, p. 271), entre os critérios de qualidade a ter em conta durante o processo de tradução encontram-se: 1. Especificações claras e detalhadas; 2. Negociação construtiva do preço e prazo de execução; 3. Qualidade certificada (se possível) do material a ser traduzido; 4. Disponibilidade de todos os recursos necessários; 5. Disponibilidade do conjunto das competências exigidas, possivelmente pela mesma pessoa, para as diversas operações que constituem o serviço: transação comercial, recuperação de informação, terminologia, tradução, revisão ou infografismo; 6. Adequação do fluxo de trabalho (*workflow*) dos processos (planeamento e gestão, alocação de partes, alocação de recursos, requisitos de competências, prazos, percursos críticos, etc.); 7. Adequação dos procedimentos de execução das tarefas em relação aos rácios de produtividade/qualidade; 8. Adequação da comunicação/interação entre prestador e cliente assim como entre prestador e colaboradores especializados; 9. Relevância, rigor e eficiência das verificações e controlo de qualidade; 10. Aplicação, por ambos os parceiros, de um processo fluído de validação acrescida de *feedback* e análise que contribua para um processo de revisão contínuo.

Gouadec considera que, ao definir a qualidade das traduções, é importante distinguir entre a sua natureza extrínseca e intrínseca. A qualidade extrínseca tem a ver com a forma como uma tradução satisfaz os requisitos da situação em termos de público, objetivos e finalidades, meios, código e outros parâmetros relevantes. Implica que a tradução é adequada em termos económicos (custo), funcionalidade (desempenho), acessibilidade (fluência, usabilidade, ergonomia) e eficiência (superando o próprio TP). Intrinsecamente, uma tradução deve ser adequada em termos de conteúdo e de forma, ou seja, o seu conteúdo foi traduzido em conformidade com as necessidades dos utilizadores e foi colocado em forma, meio e formato satisfatórios. Quanto ao tipo, quantidade e variedade de linguagem a utilizar

será o tradutor a decidir, assim como o grau de aperfeiçoamento. Uma tradução de alta qualidade deve ser fluente, eficiente, legível e ergonómica, de modo que conteúdo e forma sejam mais do que adequados. Isto significa que o tradutor pode “melhorar o original” e o nível de adequação pode ser superado.

### **3.3. Um olhar breve sobre a Norma Europeia 15038:2004**

Tal como previamente referido, a avaliação da qualidade em tradução pode referir-se ao produto final ou à qualidade do serviço de tradução. Somente este último aspeto se encontra regulado através de uma série de normas, entre as quais teremos de destacar a NE 15038:2004 “SERVIÇOS DE TRADUÇÃO” (*vide* no Apêndice A o respetivo projeto em PT), criada especificamente para o setor dos serviços de tradução e publicada em 2006 pelo Comité Européen de Normalisation<sup>9</sup>. Por abranger um espaço geográfico para nós de maior relevância, pareceu-nos mais útil focarmo-nos nesta norma, pois visa o estabelecimento e a definição de requisitos para a prestação de serviços de tradução de qualidade. Pretende constituir-se como uma ferramenta ao serviço da garantia de qualidade por parte de empresas operantes neste setor de atividade. Para além de descrever o processo de tradução, engloba diferentes etapas envolvidas na prestação deste serviço. Oferece aos prestadores de serviços de tradução (PST) um conjunto de procedimentos e requisitos normalizados para fazer face às exigências do mercado e obter a certificação de qualidade.

Passamos a analisar sucintamente alguns dos aspetos contemplados na NE 15038:2004, em vigor no espaço europeu desde 2006, e que se afiguram relevantes aos tópicos em discussão neste projeto. Referimo-nos em concreto à relação entre cliente e PST, em que se prevê que este último proceda ao tratamento dos pedidos, analise a exequibilidade dos projetos de tradução, disponibilize recursos humanos e técnicos e elabore orçamentos, negocie acordos com o cliente, e lide com aspetos contabilísticos.

Os critérios para estabelecer um acordo entre o cliente e o PST deverão incluir termos comerciais e especificações do serviço, para além de questões como direitos de

---

<sup>9</sup> Entretanto editada pelo Instituto Português da Qualidade sob a designação NP EN 15038:2012 *Serviços de tradução. Requisitos para a prestação de serviço*.

autor, responsabilidade, confidencialidade, regulação de litígios e garantia da qualidade.

A norma refere que o PST deve obter informações suplementares e clarificar ambiguidades no TP com o cliente e que todo o material informativo que o cliente forneceu está sujeito ao disposto no sistema de gestão da qualidade do PST. Neste ponto está implícita a ideia de um *brief* que contenha um conjunto de informações suplementares sobre o projeto e que pode ser da iniciativa do PST ou do cliente. É certo que o “acordo” mencionado previamente pode conter tais indicações suplementares em relação ao TP e ao propósito do TC prospetivo.

O terceiro tópico tratado na NE refere-se aos procedimentos aplicáveis aos serviços de tradução, em que se destacam duas etapas distintas: preparação e processo de tradução. Constatamos que o papel do *brief* é transversal ao conjunto de procedimentos previstos. Senão, vejamos: a etapa inicial, de preparação, abrange aspetos administrativos, técnicos e linguísticos adequados às exigências de cada projeto. Após a receção do documento para tradução, o PST certifica-se de que o mesmo satisfaz os requisitos acordados com o cliente.

Quanto à esfera administrativa, deve assegurar-se o registo detalhado do projeto de tradução, incluindo os seguintes itens: identificador do projeto; identificação do cliente; ordem de compra; acordo de confidencialidade; condições comerciais; data de receção; detalhes relativos à entrega (volumes, prazo, formato de entrega); línguas de partida e de chegada; nome e descrição do material a traduzir; objetivo e fins de utilização da tradução; terminologia adequada e outro material de consulta; manuais de estilo do cliente ou PST, entre outros.

Os aspetos técnicos dizem respeito a *hardware* e *software*, sendo que o PST deve disponibilizar a tecnologia necessária ao projeto específico, de acordo com o estudo de exequibilidade. O PST executará todas as tarefas e técnicas necessárias para preparar os documentos a traduzir. Este tipo de processamento pode incluir aspetos técnicos como a segmentação do texto para tradução assistida por computador (CAT); conversão de formatos e tipos de letra; folhas de estilo a aplicar/criar; convenções sobre o tipo de texto; adequação da linguagem controlada selecionada; recolha e preparação de material de consulta em conformidade com os requisitos do projeto.

Muitos destes aspetos técnicos recomendados pela norma podem constar do *brief* de tradução ou caderno de encargos negociado entre o PST e o cliente, presumindo-se a sua validação até ao momento de preparação do documento para traduzir. Referimo-nos concretamente a folhas de estilo a aplicar; convenções acordadas sobre o tipo de texto e material de consulta.

Quanto aos aspetos linguísticos, o PST deve registar informações sobre requisitos específicos em conformidade com o manual de estilo do cliente, adaptação da tradução ao público-alvo, objetivo e/ou finalidade, utilização da terminologia existente e atualização de glossários. Ainda neste âmbito, o PST deve analisar o TP, antecipando eventuais problemas de tradução (incluem-se aqui a análise dos fatores extratextuais e intratextuais); em seguida, deverá efetuar a pesquisa de terminologia (portanto, antes de se proceder à tradução). A consulta do manual de estilo é crucial, principalmente se for fornecido pelo cliente (em alternativa, o PST aplica o manual de estilo próprio da sua agência ou outro que considere adequado).

À etapa inicial de preparação, sucede o próprio processo de tradução, constituído por diferentes fases, designadamente a gestão de projetos, o trabalho de tradução, verificação, revisão linguística, revisão técnica, revisão de provas e verificação final.

Em suma, a Norma Europeia 15038:2004 contempla um conjunto de itens que cliente e tradutor devem *a priori* cumprir por forma a contribuir para a garantia de qualidade no serviço de tradução. Parte-se do princípio que, caso sejam cumpridas todas as condições estabelecidas, o produto final será de boa qualidade. Na prática, sabe-se que o cumprimento de todos os requisitos que constam da norma tornaria o custo da tradução inabarcável para muitos PST. De qualquer modo, a fixação dos mesmos por via regulatória ou normativa representa uma evolução no sentido de contribuir para a melhoria das competências gerais dos tradutores e da qualidade das traduções.

## PARTE II – METODOLOGIA E CONCEÇÃO

### CAPÍTULO IV: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A CONCEÇÃO DE BRIEFS DE TRADUÇÃO

A conceção do *brief* de tradução assenta num conjunto de princípios e de processos cujos pressupostos teóricos e formais foram abordados na primeira parte deste trabalho de projeto. Verificámos ainda que a própria norma europeia para prestação de serviços de tradução está apta a fornecer um guião para a conceção de um *brief* adequado, bastando para tal cumprir determinados itens contemplados nos Apêndices A-E da referida norma, itens esses que correspondem à fase pré-tradutória (*vide* Apêndice A).

#### 4.1. Objetivos e vantagens do *brief* de tradução

O encargo tradutório é, regra geral, proposto por contrato oral ou escrito na situação em que um cliente necessita de obter um texto numa certa língua, para fins específicos, contratando para tal um tradutor perito no par de línguas (LP e LC). Se o encargo é de dimensão média ou grande, o cliente deve transmitir ao tradutor o máximo de informações sobre os fins do trabalho, destinatários, data, lugar e meio de comunicação, assim como a função do TC no contexto de chegada. Tal informação constitui uma espécie de caderno de encargos, conjunto de instruções, *brief* ou até um contrato de tradução.

Sabemos que teorias funcionalistas a partir dos anos 70 introduziram o *brief* como instrumento de apoio ao processo de tradução e enfatizaram o seu papel norteador. Desde logo, porque especifica o tipo de tradução requerida, de acordo com a finalidade do TC no contexto de chegada, sendo o cliente a decidir sobre o *skopos* da tradução. Se o cliente tem uma ideia vaga sobre o tipo de texto a produzir num dado contexto situacional, o *skopos* do texto pode ser acordado conjuntamente com o tradutor. Evidentemente, como já referido, nem sempre é necessário dispor de um *brief* para aferir o *skopos*, sendo possível assumir, a partir do tipo de texto, qual o tipo de tradução a adotar (*skopos* implícito)<sup>10</sup>. Na obra *Becoming a translator: an accelerated course*, Robinson recomenda aos tradutores: “Always pay close attention to the translation commission (what you are asked to do, by whom, for

---

<sup>10</sup> A correlação que Reiss estabelece entre tipo de texto e método de tradução baseia-se precisamente nessa assunção, ou seja, que determinados tipos de texto têm um *skopos* evidente e não suscitam dúvidas quanto ao tipo de tradução a criar.

whom, and why), and consider the special nature and needs of your target audience; if you aren't given enough information about that audience, ask; if the commissioner doesn't know, use your professional judgment to project an audience" (1997 p. 247).

A preparação do *brief* antes de o iniciador adjudicar a tarefa incentiva um olhar analítico sobre o TP e permite aferir se é adequado ao futuro público-alvo. A análise pragmática de um determinado TP (como, quando, onde, para quem), facilita a identificação das características intrínsecas que não se irão aplicar ao recetor do TC e que, conseqüentemente, devem ser excluídas (contactos telefónicos, endereços ou nomes de organizações nacionais de carácter utilitário, por exemplo). Numa fase que antecede a encomenda, a ponderação dos objetivos e circunstâncias de utilização do TP junto de outro público/contexto cultural (de chegada) permite identificar problemas e limitações e reavaliar o investimento financeiro. Aliás, a comparação entre os públicos de partida e de chegada para fins de preparação do *brief* pode constituir uma oportunidade para entender até que ponto o conteúdo do TP satisfaz as necessidades de informação e expectativas do público de chegada. O planeamento deste instrumento não só conduz a especificações claras para o tradutor, como também ao repensar do próprio projeto. Por outro lado, conhecendo em maior detalhe o TP, o GPT, que é o recetor inicial do mesmo, vê facilitada a tarefa de revisão do TC e o controlo de qualidade do translado, finda a tarefa do tradutor. Deduz-se assim que o *brief* contribui para a melhoria do produto final e para a qualidade da comunicação com o cliente. Já a forma como as ideias são expressas e as convenções de escrita (ortografia, maiúsculas, títulos, entre outros) são regidas pelas regras de cada língua e os critérios a seguir devem constar de guias de estilo.

Em suma, as vantagens de um *brief* consistem essencialmente em auxiliar o tradutor a criar um produto melhor, esclarecendo mal-entendidos que surjam na fase inicial de análise textual. Por outro lado, descreve em linhas gerais as características do TP, o seu fim comunicacional e os resultados pretendidos com a sua tradução. Ao elaborar o *brief*, o iniciador familiariza-se com o vocabulário-chave, o conteúdo, aspetos gráficos ou convenções de língua. Em contextos reais, porém, o cliente de um projeto de tradução raramente desenvolve o esforço de organizar um *brief* explícito (Nord, 1997, p. 30) e não tem sequer consciência do quanto esta ferramenta pode influenciar positivamente o resultado final.

## 4.2. Etapas para a elaboração do *brief* de tradução

Entre as fontes consultadas, reveste-se de especial interesse a abordagem prática da iniciativa “Hablamos Juntos” (2001), da Robert Wood Johnson Foundation (EUA), cuja missão é estudar as barreiras linguísticas nos cuidados de saúde para doentes com poucos conhecimentos de inglês. Esta iniciativa considera essencial a elaboração do *translation brief* e prevê, para esse fim, as seguintes etapas: (1) Conhecer o TP, reunir informações sobre função, objetivo geral e fim pretendido, e traçar o perfil do público-alvo; (2) Avaliar a qualidade do TP e tomar a decisão de avançar ou não com o encargo tradutório. Considera-se que TPs com conteúdos pobres em termos linguísticos são um obstáculo à produção de traduções úteis e significativas; (3) Comparar e traçar o contraste entre aspetos relevantes do público do TP e do TC, identificando possíveis implicações para o TC. Analisar o conteúdo do TP de modo a identificar situações culturais a substituir por convenções da LC, ou eventuais problemas de tradução a superar, incluindo questões de produção; (4) Sintetizar necessidades específicas e requisitos concretos do TC para informação do tradutor. Colaborar com este no sentido de classificar e priorizar *tradeoffs* e acordar a substituição de convenções na LC (o texto a produzir deve ler-se fluentemente como se tivesse sido escrito por um autor nativo da LC). Idealmente, o cliente e o GPT ou o tradutor devem reunir-se para rever a versão preliminar do *brief* antes da sua validação final.

No *template* proposto pela Fundação Robert Wood Johnson (Apêndice F3), a comparação entre TP e TC assenta em parâmetros propostos por Nord, nomeadamente: função, público-alvo, tempo e lugar de receção, finalidade ou propósito.

## 4.3. Conteúdo do *brief* de tradução

O *brief* pode ser iniciado com elementos contratuais e informativos tais como o endereço, prazo, identificação dos intervenientes, código de encomenda, logo seguido de elementos extratextuais como lugar, meio, recetor, propósito ou função do TP. Deve conter também, de forma explícita, informações sobre a função ou funções pretendidas para o TC, o recetor e, se necessário, detalhes sobre tempo, lugar e motivo da receção da tradução. Também na ótica de Nord (1997, p. 60), o *brief* ideal deverá conter informação sobre função ou funções textuais do TC; recetor do TC; condições temporais e espaciais de receção do TC; o meio através do qual o texto é transmitido (oral, escrito); e, por fim, as razões pelas quais o texto é produzido e rececionado.

Em conjunto, cliente e PST/tradutor devem debater e negociar o *skopos* (entenda-se finalidade e função) da tradução. Já as decisões concernentes à tarefa em si e as micro estratégias e técnicas a aplicar dizem respeito ao tradutor.

Um *brief* pode ainda conter informações intratextuais sobre o TP e o TC, resumindo aspetos como o tema, conteúdo, pressupostos, léxico e características suprasegmentais. Para tal, é requerido um esforço de análise textual, como veremos em seguida.

#### **4.4. Análise textual segundo Nord**

A capacidade de analisar um TP em termos linguísticos e culturais é vital para o tradutor. A análise textual situa-se, aliás, no cerne da abordagem textual que, por sua vez, resulta da confluência de uma diversidade de abordagens (linguística, comunicativa, funcional e cognitiva) que giram em torno da produção textual ou (re)verbalização, em que se consubstancia a atividade tradutória<sup>11</sup>.

No âmbito do presente trabalho, centramo-nos na perspetiva da análise textual relevante para a tradução, proposta por Nord na sua obra *Text Analysis in Translation* ([1988] 1991), onde é apresentado um modelo funcional que incorpora elementos dessa análise textual. Este modelo destina-se a diferentes tipos de texto e de tradução (documental e instrumental), e assume como ponto de partida a função do TC e do TP, fator que determinará a seleção de macroestratégias a adequar ao *skopos* da tradução.

Se é certo que o texto de partida (TP) oferece a informação base para a formulação do texto de chegada (TC), então é a sua análise que orienta o processo de tradução, permite decidir acerca da viabilidade do pedido de tradução e determina aspetos decisivos como, por exemplo, quais as unidades textuais relevantes para uma tradução funcional ou qual a estratégia de tradução que melhor conduz a um TC adequado aos requisitos do *brief*. A este propósito, Nord defende que podem usar-se vários modelos textuais-linguísticos na análise textual, sendo o fator mais importante a análise pragmática das situações comunicativas implicadas e a aplicação do mesmo modelo para o TP e para o *brief*, tornando assim os resultados comparáveis. Ao comparar o TP com o TC, o tradutor deve optar por um conjunto de procedimentos otimais de “*transfer*”. A comparação das respetivas funções pode conduzir, por exemplo, à conclusão de que a função informativa do TC tem mais peso do que

---

<sup>11</sup> Nesta vertente, distinguem-se, para além de Nord, autores como Reiss (tipologia textual e crítica da tradução) e Neubert & Shreve (a textualidade na tarefa do tradutor).

a apelativa, justificando a redução de elementos apelativos em prol dos informativos (Nord, 1997, pp. 62-63). Por outro lado, uma comparação entre recetores pode gerar a conclusão de que as discrepâncias detetadas no plano cultural requerem um ajustamento da relação entre a informação implícita e explícita no texto. Outros fatores a ponderar na comparação entre TP e TC são o tempo e lugar de receção e o ano de produção.

O modelo de análise textual de Nord, considerado como dos mais completos, inclui a análise pragmática dos aspetos extratextuais e intratextuais da ação comunicativa numa perspetiva funcionalista. A esta perspetiva, Nord acrescenta o parâmetro da lealdade, que implica que a função da tradução deve ser conciliável, quer com a intenção do emissor, quer com a do recetor da cultura de chegada e sua especificidade situacional. Esta lealdade ou “dupla responsabilidade do tradutor perante o autor do original e o leitor de tradução, é uma qualidade ética que se distingue da mera fidelidade” (Nord, 1988 *apud* Bernardo, 2009 p. 658) e obriga o tradutor a explicitar que aspetos do TP foram contemplados ou rejeitados.

Antes de iniciar a sua tarefa, o tradutor deve comparar o *skopos* do TC com as funções do TP e estar apto a identificar eventuais problemas no processo tradutório, adotando uma estratégia holística para a sua solução. Recorrendo à autora citada, considera-se que uma análise detalhada do TP incluirá: (1) a descrição dos fatores externos (extratextuais) e internos (intratextuais), os quais tornarão implícita ou explicitamente claro para o tradutor quais as macroestratégias a adotar ao iniciar a tarefa. Inclui-se aqui o conceito de contexto (que se refere a elementos extralinguísticos relevantes para a compreensão de um texto) e de cotexto (conjunto de sequências linguísticas que precedem ou se sucedem a uma palavra, solucionando eventuais ambiguidades ou heterogeneidade de sentido); (2) a macroestrutura, que inclui o assunto, género e registo utilizados, função e tipo de texto, elementos de superestrutura (modelos e figuras de retórica), elementos não-verbais (ilustrações, gráficos); (3) a microestrutura, que se refere ao nível da língua utilizado e de onde são extraídos aspetos pragmáticos; gramática e sintaxe (coerência gramatical, homogeneidade, conectividade); léxico e semântica (coerência lexical, terminologia e fraseologia); e suprasegmentais (tom, rima, ritmo, aliteração, assonância, prosódia, itálicos).

O levantamento e registo destes dados devem partir do cliente e ser partilhados com o PST, GPT ou tradutor através do *brief*. Caso contrário, o tradutor deve extrair do TP essas informações.

O modelo de análise de Nord consiste, enfim, no levantamento de fatores extra e intratextuais que influenciam a textualização dos TP e TC. Incluem-se nos fatores extratextuais: a) o emissor: eventualmente produtor textual; b) a intenção do emissor ao produzir ou mandar produzir o texto; c) o recetor: idade, estatuto, formação, interesses, expectativas, público-alvo, leitor ocasional; d) o meio ou suporte material: escrito ou oral, livro, revista, jornal; e) o local da publicação do texto (determina a sua inserção geográfica, histórica e sociocultural); f) o tempo: momento da publicação, desfasamento temporal entre a produção do TP e do TC; e, por fim, g) o pretexto da comunicação, ou seja, o motivo que levou o autor a produzir este texto. Da conjugação destes sete fatores resulta a função do texto, parâmetro que ocupa uma posição central.

Os fatores intratextuais incluem: a) tema; b) conteúdo; c) pressupostos pragmáticos, situacionais, isto é, informações não verbalizadas que o emissor pressupõe serem conhecidas pelo recetor; d) estruturação do texto; e) elementos não-verbais (imagens, gráficos); f) léxico (análise semântica, estilística e formal do vocabulário; termos técnicos ou específicos); g) sintaxe (tipos de frases predominantes, conectores, ênfase); h) elementos suprasegmentais (prosódia, entoação, tom, acentuação, itálicos).

Da relação entre fatores internos e externos resulta o efeito global do texto junto do recetor. Como determinantes para o efeito, Nord destaca a relação entre: a intenção do emissor e texto; recetor e mundo do texto; e recetor e estilo, exigindo do tradutor um conhecimento aprofundado do efeito das figuras de retórica dentro de cada cultura.

O esquema a traçar com a apresentação destes fatores tanto se aplica retrospectivamente ao TP, como prospetivamente ao TC. A autora recomenda que se estabeleça uma grelha com estes fatores, começando pelos externos, a três colunas e que se faça primeiro uma análise do TC e só depois do TP. Uma coluna ao meio destinar-se-á a registar problemas de tradução detetados e eventuais estratégias de resolução a adotar (*vide* esquema proposto no Quadro 3) (Nord, 1988 *apud* Bernardo, 2009, p. 661).

#### 4.5. Tipo de texto *versus* tipo de tradução

A teoria da tipologia de textos, exposta na obra conjunta de Reiss e Vermeer (1984), defende que tipologias de texto ajudam o tradutor a fixar a hierarquia dos níveis de equivalência necessários ao *skopos* de uma dada tradução (*Ibid.*, p. 156). Reiss distingue entre duas categorias localizadas em diferentes níveis de abstração: tipos de texto (*texttypen*), classificados segundo a função comunicativa dominante (informativa, expressiva e operativa); e géneros de texto (*textsorten*), classificados de acordo com características ou convenções linguísticas (para textos publicitários, dramáticos, satíricos, entre outros).

A este propósito, Hatim e Munday ressaltam que “text typologies, and the identification of text purpose and text function, continue to be seen as valuable tools for translators in their attempts to specify the appropriate hierarchy of equivalence levels needed for a particular translation assignment” (2004 p. 286). Também Nord observa que “Text-type classifications sharpen the translator’s awareness of linguistic markers of communicative function and functional translation units” (1997 p. 38).

Presume-se que cada tipo de texto inclua vários géneros, e que um género de texto não se correlacione necessariamente com um único tipo de texto. A carta representa um exemplo por excelência, na medida em que pode ser de tipo expressivo (de amor, amizade), informativo (comercial), ou operativo (se solicitar ajuda).

Um texto de tipo informativo, centrado no conteúdo, terá como função principal informar claramente sobre um assunto ou fenómeno do mundo real. As suas características aplicam-se quer à cultura de partida quer à de chegada, pois a tipologia assume-se como universal. Desse modo, o tradutor deve oferecer uma representação correta e integral do conteúdo do TP, guiando-se por normas linguísticas e culturais de chegada em termos de opções estilísticas. Um texto jornalístico será um exemplo típico de texto informativo.

Um texto de tipo expressivo (por exemplo, poético) está centrado na forma e é dominado pela sua componente estética e criativa. O autor e a forma da mensagem são evidenciados. As opções do autor contribuem para o significado do texto, produzindo um efeito estético no leitor. Um efeito estilístico análogo deve ser reproduzido pelo tradutor no TC. As opções estilísticas são coincidentes com as do autor do TP, sendo a LP que determina

a orientação da tradução e leva o tradutor a reconstruir uma forma análoga na LC. No texto expressivo, a tradução adequada será a literal.

Um texto de tipo operativo ou de função apelativa tem o seu conteúdo e forma subordinados ao efeito extralinguístico que o texto tenciona provocar, isto é de indução de uma reação/comportamento por parte do recetor. A tradução de um texto operativo em que a função é preservada deve orientar-se pelo objetivo geral de provocar o mesmo efeito no público, ainda que tal implique a alteração do conteúdo e/ou aspetos estilísticos. O leitor é persuadido a reagir de determinada maneira. Neste tipo de tradução prevalece a intenção do comitente/iniciador da tradução.

Num quarto tipo de texto, que Reiss designa como áudio-medial, a mensagem é expressa predominantemente através de meios não-linguísticos. Aqui, o texto tem um peso variável e a tradução é condicionada pelo recurso a expressões não-linguísticas.

À classificação de Reiss, Nord contrapõe outra, em que considera três funções principais: referencial, expressiva e apelativa e ainda uma função fática.

A função referencial envolve a referência a objetos ou fenómenos de um dado universo (real ou ficcional) e contempla múltiplas subfunções: informativa caso se trate de um texto factual sobre um tópico desconhecido para o recetor; metalinguística se o referente é o uso da língua/linguagem; diretiva se o referente forem instruções de uso; didática se for um texto didático. Esta função prende-se com o valor denotativo.

A função expressiva refere-se à atitude do emissor em relação aos objetos e fenómenos do mundo. Se o emissor expressa sentimentos ou emoções, temos uma subfunção emotiva; se expressa uma avaliação, temos uma subfunção avaliativa; a ironia será outra subfunção. Um dado texto pode combinar diversas funções e subfunções. A função expressiva está orientada para o emissor: as suas opiniões ou atitudes baseiam-se no sistema de valores assumidos como comuns ao emissor e ao recetor. Numa interação intercultural, emissor e recetor pertencem a culturas diferentes e os sistemas de valores são condicionados por normas e tradições culturais. Tal implica que a função expressiva verbalizada no TP seja interpretada segundo o sistema de valores da cultura de partida. Se a mensagem for expressa de forma explícita, não há obstáculos à compreensão, mas se for implícita pode ser mais complexo, pois muitas qualidades têm conotações diferentes

dependendo das culturas. A autora exemplifica (*ibid.*, p. 42) com o caso de um marido indiano que compara os olhos da sua esposa aos de uma vaca, expressando admiração pela sua beleza. Num país europeu, a mesma situação obteria uma reação assaz diferente.

A função apelativa está orientada para o recetor e dirige-se à sensibilidade ou disposição deste para atuar; destina-se a induzir o recetor a uma determinada resposta. Imperativos são indicadores diretos da função apelativa. Esta função também pode funcionar na linguagem poética, apelando à sensibilidade estética do recetor.

A função fática destina-se a estabelecer, manter ou terminar um contacto entre emissor e recetor. Ou seja, o estabelecimento da comunicação depende da vontade ou disposição dos intervenientes.

Nord estabelece ainda a distinção entre tradução documental e instrumental<sup>12</sup>. A documental dá primazia ao texto da cultura de partida, com valor de documento, o qual dá origem a um TC que permite ao seu recetor aceder às ideias expressas no TP. A tradução literal, palavra a palavra (interlinear) ou estranhante são subtipos da tradução documental, aplicada habitualmente em textos literários. O recetor da cultura de chegada reconhece que está perante uma tradução. Já a instrumental atua como um instrumento de transmissão de uma mensagem independente para uma nova situação comunicativa na cultura de chegada, com objetivos comunicativos concretos, evitando que o recetor se aperceba que é uma tradução. Nord refere-se a estes textos como *function-preserving translations* (a função do TC equivale à do TP). O manual de instruções representa um bom exemplo.

---

<sup>12</sup> A este propósito, consulte-se Nord, 1997, pp. 47-52.

## CAPÍTULO V: CONCEÇÃO DE UM MODELO DINÂMICO DE *BRIEF*

### 5.1. Fundamentação e apresentação de protótipo

O presente trabalho de projeto propõe a criação de um modelo dinâmico de *brief*, suscetível de ser adaptado a diferentes tipos de texto. O objetivo é gerar um instrumento de trabalho útil ao prestador de serviços de tradução, ao gestor de projetos de tradução e ao próprio tradutor, caso decida procurar respostas que visem facilitar a execução da sua tarefa. Não se pretende criar uma fórmula prescritiva ou de tipo normativo, mas tão-somente apresentar um contributo para a conceção de um modelo dinâmico, por conseguinte suscetível de alteração e atualização.

Como hipótese de trabalho, contemplou-se o protótipo de esquema tripartido proposto por Nord (1988) (supramencionado no subcapítulo 4.4.), no qual se inclui a imprescindível grelha de fatores externos e internos a preencher no decurso de uma análise pragmática de um TP em confronto com uma situação comunicativa real ou hipotética do contexto de chegada. Saliente-se que o nosso protótipo não engloba a versão detalhada de fatores propostos por Nord; ao invés, optámos pela sua adaptação a cada caso, evidenciando os elementos considerados relevantes e passíveis de comparação. Seguiu-se a sugestão de Nord de colocar o perfil do TC na primeira coluna, o que indubitavelmente enfatiza o princípio funcionalista de dar primazia ao contexto de chegada. Todavia, na prática, esta ordem pode afigurar-se pouco intuitiva e, em contexto real, seria porventura mais natural invertê-la, colocando o perfil do TP à esquerda (isto é, na primeira coluna). O nosso protótipo é, nas secções seguintes, adaptado a um *corpus* constituído por diferentes tipos de texto (pragmático, técnico, científico e literário), os quais representam estudos de caso extraídos de um contexto de formação superior de tradutores, no segundo ciclo do ensino superior, concretamente no Mestrado em Tradução efetuado na Universidade Nova de Lisboa, no decurso do ano letivo de 2013-2014. O conhecimento prévio que a autora possuía de cada texto de partida facilitou a elaboração dos perfis intra e extratextuais do TP e do TC, a delimitação de estratégias e a identificação de problemas (a nível funcional e linguístico). No processamento da informação, partiu-se, por conseguinte, de uma abordagem de tipo ascendente (*bottom-up*), em que se ascendeu à compreensão dos pormenores para compreender o todo. O esquema resultante é híbrido em termos de

conteúdo, na medida em que, para além dos principais itens propostos por Nord, contém parâmetros recomendados pela Norma Europeia e outros que, de acordo com a abordagem empírica seguida, parecem adaptar-se a cada estudo de caso.

**Quadro 2 – Levantamento de elementos contratuais e processuais a constar do *brief* de tradução**

<b>A – ELEMENTOS CONTRATUAIS E INFORMATIVOS</b>	Agentes envolvidos (Agência/Tradutor/Gestor de projeto/Cliente/Editor) Data de encomenda/Receção Título da Obra Designação da Tarefa Línguas (LP e LC) Orçamento Ordem de Encomenda Acordo de confidencialidade
<b>B - ENQUADRAMENTO DO PROJETO</b>	[Resumo das intenções/objetivos que justificam o projeto]
<b>C - FATORES EXTRATEXTUAIS</b>	Função textual/Tipo de texto/Tipo de tradução Autor/Emissor Público-alvo Tempo de receção Lugar de receção Meio de expressão (oral/escrito) Finalidade/Intenção Ideias chave Valores
<b>D - FATORES INTRATEXTUAIS</b>	Tema Conteúdo Pressupostos Estruturação (macro e micro) Elementos não-verbais Léxico Características suprasegmentais
<b>E – GUIA DE ESTILO</b>  <b>F – TERMINOLOGIA</b>  <b>G – OUTRAS ESPECIFICIDADES/REQUISITOS</b>	

Quadro 3 – Protótipo de *brief* de tradução com base nos perfis textuais de Nord

<b>A – ELEMENTOS CONTRATUAIS E INFORMATIVOS</b>			
Cliente:	Agência de Tradução:		
Gestor de Projeto:	Tarefa: <i>Tradução/ Revisão</i>		
Título da Obra:	Línguas: <i>LP / LC</i>		
Data de Encomenda:	Data de Receção:		
Orçamento / Encomenda:	Acordo de Confidencialidade:		
<b>B - ENQUADRAMENTO DO PROJETO</b>			
<b>C - FATORES EXTRATEXTUAIS</b>	<b>Texto de chegada Língua:</b>	<b>Problemas / Estratégias</b>	<b>Texto de partida Língua:</b>
Função/Tipo textual			
Autor/emissor			
Público-alvo			
Tempo de receção			
Lugar de receção			
Meio de expressão (oral/escrito)			
Finalidade/Intenção			
Ideias chave			
<b>C - FATORES INTRATEXTUAIS</b>	<b>Texto de chegada Língua:</b>	<b>Problemas / Estratégias</b>	<b>Texto de partida Língua:</b>
Tema			
Conteúdo			
Pressupostos			
Estrutura			
Elementos não-verbais			
Léxico			
Suprasegmentais			
<b>F – GUIA DE ESTILO</b>	<b>G – TERMINOLOGIA</b>	<b>H – OUTRAS ESPECIFICIDADES/ REQUISITOS</b>	

## **5.2. Estudo de Caso 1 - Tradução do texto pragmático**

### **5.2.1. Considerações acerca da tradução do texto pragmático**

Em harmonia com a classificação proposta por Reiss (2004, p. 160), um texto pragmático coloca-nos numa situação de comunicação que procura induzir a uma reação comportamental do leitor (ou seja, o seu conteúdo é estruturado ao nível da persuasão). Estamos perante um texto de tipo 'operativo' e de foco 'apelativo'. Textos publicitários, promocionais e jornalísticos são exemplos típicos.

O *brief* é uma ferramenta central na tradução do texto pragmático (veja-se no Apêndice F1 um modelo de *brief* para os *media*), contemplando não só aspetos gerais (público-alvo, condições de produção - temporais e espaciais, meios de produção - e objetivos), como também aspetos funcionais/operativos (canais de distribuição, eventuais elementos conotativos, ideias chave e valores a transmitir). Responde a questões como: Qual é a função que o TP cumpre? O TC tem o mesmo propósito? Quem é o público-alvo do TP? Os recetores do TC têm características idênticas aos recetores do TP? Quais as condições de produção (emissão/receção): Quando, onde e através de que canais e meios foi o TP divulgado? Pretende-se que o TC seja produzido segundo condições similares? Por que razão é o TC produzido? Que tipo de resposta/reação pretende obter? Qual o grau de proximidade com o público?

O texto pragmático pode destinar-se a uma plêiade de fins (meios de comunicação social, reuniões ou conferências de trabalho, formações). A preparação para executar a tarefa tradutória consiste na leitura do TP e na pesquisa de tópicos afins abordados na literatura nacional, tendo em conta que, regra geral, este tipo de tradução adota uma estratégia de domesticação. O TC resultante deve ser um documento independente, com o propósito de informar e influenciar o leitor de chegada, colando-se aos cânones culturais da cultura de chegada.

### **5.2.2. Análise textual e *brief* de um texto pragmático**

Foi selecionado um texto jornalístico de edição eletrónica, escrito originalmente em língua inglesa intitulado *The Joy of Living with Less*, da autoria de Kate Ashford, publicado no sítio web da BBC em 24 de Fevereiro de 2014, na secção

*Capital*. Critérios associados à atualidade e à função simultaneamente informativa e apelativa da mensagem justificam a classificação deste artigo como texto pragmático.

**Quadro 4 – Estudo de caso 1: excerto de texto pragmático (versão integral no Apêndice B)**

**24 February 2014**

**The joy of living with less, Kate Ashford**

If you've ever fantasised about selling everything you own and paring down your possessions to the bare essentials, you're probably familiar with minimalism.

But it's about more than just de-cluttering—it's about getting rid of all clutter, permanently. "Minimalism isn't about empty white rooms with hardly any furniture," said Chris Wray, who writes a UK blog about minimalism, TwoLessThings.co.uk. "It's about removing all the things that distract us from what's important in our lives."

For extreme minimalists, such as Andrew Hyde, who lives in Colorado in the US, it means owning only about 15 items. For others, it means getting rid of the excess until you are left with essentials — and your definition of essential might evolve.

"A minimalist lifestyle entails being mindful about the things we own, the things we buy, and how we spend our time," said Francine Jay, author of *The Joy of Less*. "It is a lifestyle that values experiences more than possessions."

Naturally, minimalism tends to flourish in countries that have embraced consumer culture, such as the US, UK and parts of Europe.

It's difficult to revolt against the get-more-stuff mentality if that isn't your country's way of life. But you can live a minimalist life anywhere and capture more money for savings and great experiences, and have less stuff to maintain and clean. (...)

Neste estudo de caso, considerou-se um contexto de chegada hipotético, designadamente a publicação do texto numa revista X, portuguesa, de periodicidade mensal e destinada a um público maioritariamente feminino. Os perfis extra e intratextuais do TP e do TC no *brief* de tradução são formalizados do seguinte modo:

**Quadro 5 – Modelo de *brief* de tradução do texto pragmático**

<b>A – ELEMENTOS CONTRATUAIS E INFORMATIVOS</b>			
<b>Título da Obra: The Joy of Living with Less</b>		<b>Línguas: EN_PT</b>	
<b>B - ENQUADRAMENTO DO PROJETO</b>			
Publicação de artigo em revista mensal portuguesa, o tipo <i>Activa</i> ou <i>Vogue</i> , destinado a um público adulto (25-55 anos), do sexo feminino, urbano/cosmopolita, escolarizado.			
<b>C - FATORES EXTRATEXTUAIS</b>	<b>Texto de chegada Língua: PT</b>	<b>Problemas / Estratégias</b>	<b>Texto de partida Língua: EN</b>
<b>Função/Tipo textual</b>	Função informativa e apelativa/Texto informativo e apelativo.	<i>Mantém-se a função do TP. Deve evidenciar-se a função apelativa no TC? As frases apelativas funcionam no leitor de chegada?</i>	Função informativa e apelativa/Texto informativo e apelativo. Informa sobre o fenómeno em foco e persuade os leitores a agir de acordo com os princípios transmitidos.
<b>Autor/emissor</b>	Revista X, focada em assuntos da atualidade, saúde, beleza, estilo de vida, consumo, etc. Distribuição em todo o espaço nacional.		Kate Ashford - jornalista nova-iorquina que escreve sobre finanças pessoais, saúde, viagens e consumo. Colabora com diversas revistas e é blogger no AOL e RealSimple.com. Nomeada para Business Journalist of the Year (2008). Formada em Sociologia e mestre em Jornalismo. Editor: BBC, serviço público que

<b>Público-alvo</b>	Mulheres (25-55 anos), profissionais liberais, estilo de vida urbano, cosmopolita, formação média/superior.	<i>O TC deve dirigir-se explicitamente ao género feminino ou manter a neutralidade de género?</i>	transmite pela rádio, televisão e <i>online</i> , proporcionando notícias e informações em 27 línguas. Público geral, adulto, internacional e anglófono
<b>Tempo de receção</b>	Setembro de 2015	<i>Intervalo de tempo irrelevante.</i>	24 Fevereiro de 2014
<b>Lugar de receção</b>	Portugal	<i>Verificar referências nacionais a substituir.</i>	Grã-Bretanha; www
<b>Meio de expressão (oral/escrito)</b>	Escrito, monolíngue, edição em papel, 4 páginas		Escrito, monolíngue, publicado no <i>website</i> da BBC, secção Capital
<b>Finalidade/Intenção</b>	Informar o público sobre um movimento crescente no ocidente; apelar à empatia do público de chegada para com esta tendência e persuadir o leitor a adotar outro estilo de vida, alternativo ao consumismo da sociedade moderna. Solução para a crise económica junto do consumidor.	<i>Qual a intenção concreta da autora? Informar o público sobre um modo de vida alternativo? Ressalta-se o efeito persuasivo? Há intenção de orientar/aconselhar o leitor? Preserva-se o exato skopos do TP?</i>	Informar e apelar para uma mudança de estilo de vida, em alternativa ao consumismo moderno. Aconselhar o leitor quanto às novas práticas minimalistas.
<b>Ideias chave</b>	Minimalismo, Anti-consumismo, Filosofia de vida		Minimalismo, Anti-consumismo, Filosofia de vida
<b>C - FATORES INTRATEXTUAIS</b>	<b>Texto de chegada</b> <b>Língua: PT</b>	<b>Problemas / Estratégias</b>	<b>Texto de partida</b> <b>Língua: EN</b>
<b>Tema</b>	'Minimalismo' refere-se à adoção de elementos essenciais, reduzindo e universalizando elementos formais de composições estéticas ou funcionais. Usa-se em movimentos artísticos, culturais e científicos. →	<i>Até que ponto o tema é familiar no contexto de chegada? Deve explicitar-se o conceito de minimalismo em nota de rodapé ou nota introdutória?</i>	→ No contexto do TP, minimalismo refere-se a uma espécie de filosofia de vida ou atitude que surge como reação ao consumismo e materialismo excessivos em sociedades modernas em que domina a economia capitalista.
<b>Conteúdo</b>	Propõe-se ao leitor uma opção alternativa que se traduz na adoção de princípios simples e práticos contrários ao consumismo descontrolado. Apela-se à expulsão do supérfluo, incluindo objetos que preenchem o espaço, tempo e economias das pessoas. →	<i>Adaptar à cultura de chegada indicações de websites e conselhos práticos para quem deseja aderir.</i>	→ Apresenta-se as vantagens de uma vida minimalista, centrada no essencial (experiências) e não na aquisição ou acumulação desenfreada de objetos. Sugere-se a utilização racional do dinheiro, e são dados exemplos de casos de sucesso.
		<i>Torna-se mais explícito o</i>	Tendência crescente nas

<b>Pressupostos</b>	Materialismo e consumismo no moderno estilo de vida. Conjuntura económica nacional caracterizada por uma crise financeira.	<i>facto de que o minimalismo é uma solução para enfrentar a crise e obter uma melhor qualidade de vida?</i>	sociedades atuais para um materialismo e consumismo excessivos. Atitude minimalista com adesão crescente no mundo ocidental, especialmente em meios urbanos.
<b>Estrutura</b>		<i>Mantém-se a estrutura do texto, procurando equivalência, mas de forma dinâmica? Os subtítulos funcionam no contexto de chegada?</i>	O discurso direto intercalado com ‘conselhos’ e frases curtas e apelativas destinadas a impelir o leitor a agir, (“Start small”, “Do it later”, “Do it now”).
<b>Elementos não-verbais</b>	Imagem de uma mulher frente ao mar, sem adereços. É visível o contraste entre o azul do mar e o branco da areia e o vestido da mulher. Outras ilustrações ao longo do artigo alusivas ao conteúdo.	<i>A imagem é apelativa ao leitor nacional? Apresentar sugestão alternativa, se necessário.</i>	Fotografia de uma sala de estar de estética minimalista, com escassos elementos decorativos.
<b>Léxico</b>	Léxico regular. Introduzir: venda de garagem	<i>Faz-se em Portugal a venda de objetos no porta-bagagens do carro (car boot sale)?; o termo yardsale é comum? Equivale em termos funcionais a garage sale? Declutter=destralhar: aceita-se este termo, mesmo que não conste de qualquer dicionário?</i>	Termos sem equivalência direta em PT: <i>de-cluttering, declutter; Car boot sale; yardsale</i>
<b>F – GUIA DE ESTILO</b>			<b>H – OUTROS REQUISITOS</b>

Próprio da revista X.

(Ver Léxico). Consultar artigos de imprensa em PT sobre o tema e filtrar termos correntes.

O título deve sintetizar a ideia chave do artigo e apelar para a leitura do mesmo.

### 5.2.3. Adoção de estratégias e resolução de problemas

Seguindo a metodologia proposta por Nord, fez-se uma análise pragmática do TP confrontando-o com a função pretendida no contexto de chegada. O *brief* permitiu confirmar paralelismos entre TP e TC no perfil extratextual, a saber: função predominantemente apelativa/operativa aliada à informativa; equivalência em termos de finalidade/intenção e ideias-chave. Estas semelhanças facilitam a tomada de decisão a nível das estratégias macro a aplicar e ao tipo de registo a utilizar na tradução (registo padrão). O público-alvo do texto de chegada (feminino) diverge do público de partida (ocasional), o que pode conduzir à decisão de direcionar a

mensagem ao género feminino. Uma divergência no lugar de receção obriga à adaptação de referências práticas à cultura de chegada. O *skopos* desta tradução instrumental foca-se nitidamente no recetor do TC, como é típico do texto pragmático.

O perfil intratextual sustenta uma análise micro no decurso da fase de reverbalização (Reiss 2004, p. 166) e viabiliza decisões a nível linguístico. O facto de ser um texto jornalístico, de função informativa e apelativa, torna viável uma tradução quase direta, porém, em alguns casos haverá necessidade de adotar estratégias ditas oblíquas (Vinay e Darbelnet, [1958/1995] 2004, p. 84), e aplicar técnicas de resolução de problemas, entre as quais mudança de ênfase, mudança de grau de explicitação (por exemplo, em relação ao verbo *de-clutter*, sem equivalência formal na língua portuguesa). No caso concreto da referência ao *website* Craiglist (pouco familiar na cultura de chegada) pode optar-se pela filtragem cultural (adaptação), substituindo-a pelo OLX, segundo instruções do *brief*.

Em suma, o *brief* de tradução permite fornecer um conjunto de orientações gerais para a delimitação de estratégias macro e micro. O TC resultante deve manter-se fiel ao sentido e forma do TP, mas pode ter de optar por um certo grau de explicitação e adaptação, desde logo quanto ao público de chegada, que passa a ser predominantemente feminino, e também em termos funcionais, com a substituição das referências a organizações americanas por equivalentes nacionais. Numa perspetiva holística procura-se alcançar a coesão linguística e garantir coerência a nível conceptual. A nível linguístico e estilístico, procura-se obter um texto de conotação positiva, em linguagem corrente e estilo jornalístico.

### **5.3. Estudo de Caso 2 - Tradução do texto técnico**

#### **5.3.1. Considerações acerca da tradução do texto técnico**

A tradução técnica consiste na tradução de documentos em domínios especializados, regra geral nas áreas da tecnologia e engenharias. O tradutor técnico especializa-se normalmente nas áreas em que trabalha e a sua prática exige frequentemente o recurso a instrumentos de controlo terminológico, guias de estilo, normas e manuais. A nível linguístico, a tradução técnica lida com *languages for special purposes* (LSP). O carácter descritivo e instrutivo distingue-se como uma das

características típicas da documentação técnica. Foca-se na descrição de um produto e na sua manipulação ou atributos de funcionamento. Um dos campos mais profícuos atualmente é a tradução de manuais de informática. Schubert (2010, p. 351) salienta o facto de estes produtos exibirem textos que requerem algum grau de adaptação ao público de chegada e cuja tradução se enquadra na chamada *covert translation*<sup>13</sup> referida por House. Vejamos algumas das características da tradução técnica:

» Conteúdo técnico: prevalecem os produtos ou serviços técnicos (manuais de instalação de software, reparação, instruções de funcionamento, patentes, etc.). O conteúdo pode ser a descrição do produto ou o seu funcionamento e pode incluir os chamados *product texts*.

» Forma linguística: predomina a LSP, sendo usado um léxico especial.

» Meio técnico: a maior parte da documentação técnica encontra-se em formato eletrónico; o processamento de texto e a formatação são tratados informaticamente.

» Processos de trabalho: a receção do TP é idealmente acompanhada de especificações com indicações sobre terminologia e fontes a pesquisar. É frequente o recurso a memórias de tradução e sistemas de tradução automatizados. As boas práticas preveem o recurso a guias de estilo, *briefs*, *standards* e especificações técnicas para sistemas informáticos. O tradutor deve preservar a formatação do TP e ter competências a nível de edição *web*.

### **5.3.2. Análise textual e *brief* de um texto técnico**

O texto técnico selecionado consiste num guião de ajuda para uma funcionalidade do Office “Quick Start Guide” da Microsoft, disponibilizado em diferentes línguas, e contou, no contexto de formação já mencionado, com um *brief* bastante sintético (*vide* Apêndice F2). No presente trabalho de projeto, trabalhamos com o protótipo que apresentamos no Subcapítulo 5.1, quadro 3.

A linguagem controlada e especializada numa área tecnológica concreta permite-nos claramente classificar este texto como técnico.

---

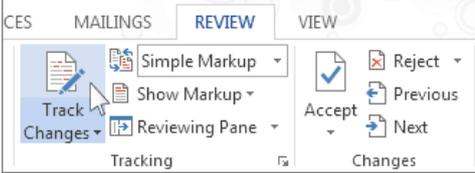
<sup>13</sup> *Covert translation*, por oposição a *overt translation*, será o tipo de tradução que pretende ter a condição de texto de partida na cultura de chegada, destinado diretamente ao público de chegada. Ou seja, ambos os públicos (de partida e de chegada) são visados e as suas finalidades são equivalentes.

**Quadro 6 – Estudo de caso 2: excerto de texto técnico (versão integral no Apêndice C)**

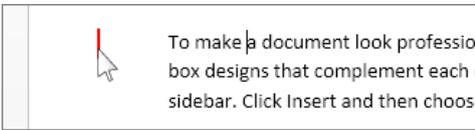
**Track changes**

When you want to see who's changing what in your document, turn on Track Changes.

Click **Review > Track Changes**.



Now Word's in Simple Markup view. Word marks up any changes that anyone makes to the document and shows you where the changes are by displaying a line near the margin.



Os perfis extra e intratextuais do TP e do TC no *brief* de tradução podem ser formalizados como se segue:

**Quadro 7 – Modelo de *brief* de tradução do texto técnico**

<b>A – ELEMENTOS CONTRATUAIS E INFORMATIVOS</b>			
<b>Título da Obra: Track changes</b>		<b>Línguas: EN_PT</b>	
<b>B - ENQUADRAMENTO DO PROJETO</b>			
A Microsoft, enquanto autoridade emissora nos contextos de partida e de chegada, encomenda diferentes versões linguísticas para os seus produtos informáticos.			
<b>C - FATORES EXTRATEXTUAIS</b>	<b>Texto de chegada Língua: PT</b>	<b>Problemas / Estratégias</b>	<b>Texto de partida Língua: EN</b>
<b>Função/Tipo textual</b>	[igual]	<i>Preservar funções.</i>	Texto de tipo informativo e operativo (instrutivo)
<b>Autor/emissor</b>	[igual]		Microsoft
<b>Público-alvo</b>	[igual]		Utilizadores do Office, Microsoft
<b>Tempo de receção</b>	Setembro de 2015	<i>Intervalo de tempo irrelevante.</i>	Outubro 2013
<b>Lugar de receção</b>	www		www
<b>Meio de expressão (oral/escrito)</b>	[igual]		Escrito, em suporte eletrónico (PDF)
<b>Finalidade/Intenção</b>	[igual]		Explicar os fins a que se destina a funcionalidade em questão através de instruções claras. Ajudar o utilizador a resolver problemas.
<b>C - FATORES INTRATEXTUAIS</b>	<b>Texto de chegada Língua: PT</b>	<b>Problemas / Estratégias</b>	<b>Texto de partida Língua: EN</b>
<b>Conteúdo</b>	Instruções para realçar alterações.		Quick Start Guide : Track Changes

<b>Estrutura</b>	[igual]	Texto em PDF: texto e imagem. Contém cabeçalho e rodapé.
<b>Elementos não-verbais</b>	Uls e screenshots	Uls e screenshots
<b>Léxico</b>	Terminologia específica da Microsoft	<i>Consulta online de versões do Office</i> Terminologia específica da Microsoft
<b>F – GUIA DE ESTILO</b>	<b>G – TERMINOLOGIA</b>	<b>H – OUTROS REQUISITOS</b>
Consultar: Microsoft Style Guide – <a href="http://www.microsoft.com/Language/en-us/StyleGuides.aspx">http://www.microsoft.com/Language/en-us/StyleGuides.aspx</a>	Respeitar a terminologia da Microsoft. Consultar: Microsoft Terminology - <a href="http://www.microsoft.com/Language/en-US/Search.aspx">http://www.microsoft.com/Language/en-US/Search.aspx</a>	Entregar o documento pronto para publicação.

### 5.3.3. Adoção de estratégias e resolução de problemas

No confronto entre o perfil extra e intratextual do TP e do TC não se identificam divergências, para além da língua. O *brief* permite apreender de imediato um tipo de texto instrutivo, de função informativa. A opção óbvia para o TC é a manutenção de todas as características do TP. Trata-se, portanto, de um tipo de tradução instrumental, de função referencial, informativa e diretiva, em que a função do TP é preservada (*function-preserving translation*), tal como o *skopos*, em prol de uma equivalência formal e conceptual. Não há lugar para a subjetividade na interpretação do tradutor. Neste tipo de tradução, constata-se que o *brief* se detém em questões de léxico, terminologia e especificações técnicas (formatação, entre outras). Eventuais problemas podem decorrer da falta de equivalentes na LC para termos técnicos usados pela Microsoft. A estratégia principal é a consulta de guias de estilo da Microsoft e de versões prévias de manuais de utilização do Office.

### 5.4. Estudo de Caso 3 - Tradução do texto científico

#### 5.4.1. Considerações acerca da tradução do texto científico

Não obstante o conceito de tradução científica se encontrar tipicamente associado a textos de natureza científica no domínio das Ciências Puras, existem atualmente perspetivas variadas sobre o assunto. No âmbito do presente trabalho de projeto, adotamos a classificação internacional da UNESCO (2005) para as áreas e subáreas da Ciência, onde se englobam as Ciências Sociais e, por conseguinte, o conhecimento científico em disciplinas como Antropologia, Etnologia, História, Sociologia, etc.

A tradução científica inscreve-se no domínio da comunicação especializada, exigindo do tradutor elevadas competências linguísticas e processuais. Requer a coesão linguística no TC, em simultâneo com uma rigorosa coerência conceptual em relação ao TP. A ênfase coloca-se no conteúdo da mensagem e o objetivo é traduzir com máxima eficiência e precisão. O tradutor deve evitar opções subjetivas e as decisões que assume devem encaixar em fórmulas reconhecidas e aceites pela comunidade discursiva a que se destina o texto de chegada (Olohan, 2005).

Se o autor do texto científico pertence a uma comunidade científica, o tradutor assume o papel de mediador entre essa comunidade e a de chegada, sendo também ele, de certa forma, um comunicador científico com competências linguísticas, tradutórias, de investigação e de gestão da informação. O tradutor científico deve saber discernir o tipo de fontes a consultar, reconhecer a cultura científica do contexto de chegada e os pontos de contacto com a de partida. Um texto científico traduzido deve apresentar a qualidade de *accuracy* (precisão e clareza) e procurar a equivalência com o TP, respeitando as convenções da cultura de chegada. A precisão terminológica é, portanto, um critério fulcral em tradução do texto científico. Se há quem considere que este tipo de discurso dispensa aspetos estilísticos, também se reconhece que exige competências de retórica e conformidade com convenções do universo académico.

No texto científico, considera-se que TP e o TC partilham o mesmo *skopos*. Destinam-se a comunidades científicas, académicas e profissionais que, não obstante pertencerem a culturas distintas, partilham o mesmo universo intelectual e grau de exigência quanto à terminologia.

#### **5.4.2. Análise textual e *brief* de um texto científico**

O Estudo de Caso 3 consistiu em verter para língua portuguesa um texto de cariz científico em língua inglesa, designadamente o artigo *Ethnographic approaches*, da autoria de Peter Flynn, inserido no Volume I do *Handbook of Translation Studies*, ed. Yves Gambier e Luc van Doorslaer, publicado pela John Benjamins B.V em 2010. A tradução deste artigo assumiria um duplo propósito: (a) avaliação de competências em contexto de formação de tradutores e (b) publicação do TC (em língua portuguesa) na mesma obra, em versão eletrónica na Internet.

O dito artigo inscreve-se no domínio académico que agrupa géneros discursivos como a tese, a dissertação, recensão ou ensaio. O distanciamento, impessoalidade e formalidade são característicos deste tipo de texto. O estilo dominante é argumentativo e emprega-se a forma impessoal (terceira pessoa do singular), produzindo um discurso neutro. Podemos apontar outras características, como concisão, clareza e objetividade. Usa-se o *Present Perfect Simple* e surge com frequência a 'voz de outros', isto é, são citados outros autores.

**Quadro 8 – Estudo de caso 3: excerto de texto científico (versão integral no Apêndice D)**

**Ethnographic approaches - Peter Flynn**

*Handbook of Translation Studies* © 2010 John Benjamins Publishing Company. Not to be reproduced in any form without written permission from the publisher.

Ethnographic approaches to studying translation have been on the increase, especially in recent years. Translation Studies researchers have recognised the versatility of ethnography as an approach to and research method for exploring translation practices in the broadest sense, in such diverse areas as medical interpreting (Angelelli 2000), asylum seeker procedures (Inghilleri 2003), translation at the European Commission and Parliament (Koskinen 2008) and literary translation (Flynn 2007). Further, ethnography has been put forward as a viable approach to **Translation Studies** (Wolf 2002). Translation scholars have studied translation practices in classical and more recent ethnographies from a Translation Studies perspective (Sturge 1997, 2007; Bachmann Medick 2006).

Translation has been part of the ethnographic exercise from the outset both as a practice and as a metaphor (Sturge 2007), as doing ethnography means researching communities and groups who speak other languages than those spoken by community the researcher is reporting to. Malinowski's notion of "context of situation" for example, stems directly from an awareness of the complexity involved in translating and hence representing other cultures, (Malinowski 1935). Ethnographers' awareness of the problematic role played by translation in meaning-making, and especially in representing other cultures, has been the subject of longstanding debate potently crystallised in the work of Clifford and Marcus (1986).

In studies in language and society, researchers have long turned their attention to "communities of practice". Translators or interpreters can also be viewed as "communities of practice" and the existence of such "communities" has long been acknowledged or otherwise recognised albeit in other terms among translation scholars.

(...)In his seminal essay, Geertz states:

From one point of view, that of the textbook, doing ethnography is establishing rapport, selecting informants, transcribing texts, taking genealogies, mapping fields, keeping a diary, and so on. But it is not these things, techniques and received procedures that define the enterprise. What defines it is the kind of intellectual effort it is: an elaborate venture in, to borrow a notion from Gilbert Ryle, "thick description". (Geertz 1973:6).

Os perfis extra e intratextuais do TP e TC no *brief* de tradução podem ser formalizados como se segue:

**Quadro 9 – Modelo de *brief* de tradução do texto científico**

**A – ELEMENTOS CONTRATUAIS E INFORMATIVOS**

**Título da Obra:** *Ethnographic approaches*

**Línguas:** EN\_PT

**B - ENQUADRAMENTO DO PROJETO**

O artigo *Ethnographic approaches*, de Peter Flynn, Vol. 1 de *Handbook of Translation Studies* (HTS), ed. Yves Gambier e Luc van Doorslaer (John Benjamins B.V.,2010). A obra reúne contributos de investigadores e teóricos que defendem abordagens e perspetivas diversificadas. É a primeira enciclopédia no domínio dos Estudos de Tradução com edição simultaneamente em papel e *online*. Propõe-se a atualizar e a rever regularmente as entradas incluídas. Oferece versões multilingues dos artigos que a integram. O encargo destina-se a publicar a versão PT na referida enciclopédia, após validação por parte da editora.

<b>C - FATORES EXTRATEXTUAIS</b>	<b>Texto de chegada Língua: PT</b>	<b>Problemas / Estratégias</b>	<b>Texto de partida Língua: EN</b>
<b>Função/Tipo textual</b>	Função Informativa / Texto Científico / Tradução documental	<i>Preservar função.</i>	Função Informativa /Texto Científico /Tradução documental
<b>Autor/emissor</b>	John Benjamins Publishing Company, editora acadêmica independente especializada em Ciências Sociais e Humanidades, com sede em Amesterdão. Edita livros, revistas acadêmicas e anuários na área da linguística.		Peter Flynn, licenciado em Filologia Germânica e PhD em Language and Literature (2006) pela Ghent University; professor de Estudos de Tradução e de Inglês no Lessius University College. Dedicou-se à investigação no âmbito da etnografia linguística, etnografia das práticas de tradução, abordagens empíricas e funcionalistas aos Estudos de Tradução.
<b>Público-alvo</b>	Comunidade acadêmica lusófona, tradutores profissionais lusófonos	<i>Há diferenças situacionais entre o leitor do TP e do TC? O leitor de chegada tem um perfil diferente do leitor de partida?</i>	Comunidade acadêmica, investigadores no campo dos Estudos de Tradução, profissionais qualificados de Tradução e Interpretação, acadêmicos, peritos e profissionais nas áreas da Linguística, Sociologia, etc.
<b>Tempo de recepção</b>	Setembro de 2015	<i>Intervalo de tempo irrelevante.</i>	2010
<b>Lugar de recepção</b>	www		www
<b>Meio de expressão (oral/escrito)</b>	Escrito, edição eletrônica		Escrito, edição eletrônica
<b>Finalidade/ Intenção</b>	[Igual]		Disseminar o conhecimento na área da tradução/interpretação junto de um público abrangente (estudantes universitários, investigadores em Estudos de Tradução, profissionais e peritos de outras áreas: Linguística, Sociologia, História.
<b>Ideias chave</b>	Estudos de Tradução, Etnografia		Estudos de Tradução, Etnografia
<b>C - FATORES INTRATEXTUAIS</b>	<b>Texto de chegada Língua: PT</b>	<b>Problemas / Estratégias</b>	<b>Texto de partida Língua: EN</b>
<b>Tema</b>	A partir dos anos 1980, o estudo da tradução culturalizou-se e as abordagens etnográficas passaram a revestir-se de algum interesse para os investigadores. O artigo discorre sobre os paralelismos existentes entre os Estudos de ➔		➔ Tradução e as metodologias empregues no processo de 'fazer etnografia'. São enumerados alguns pressupostos subjacentes à disciplina de etnografia e analisada a possibilidade das suas abordagens alimentarem ou influenciarem a investigação em tradução.
<b>Elementos não- verbais</b>	As referências cruzadas com outras entradas são indicadas com um asterisco * (por exemplo, localization*). Manter hiperligações no TC.	<i>Incluir estrangeirismos em itálico?</i>	Termos assinalados a bold, cor laranja escuro. São referências cruzadas assinaladas com um asterisco (*). Referências a autores (apelido e ano) entre parêntesis e a cor diferente (por se tratar de uma publicação online, autores e referências bibliográficas têm hiperligação a uma bibliografia). Na versão

<b>Léxico</b>		online, os itens as referências bibliográficas têm hiperligação com uma Translation Studies Bibliography (TSB), onde o utilizador pode encontrar um <i>abstract</i> da publicação.
	Manter citações na língua original do TP, como é normativo em artigos científicos.	<i>Manter léxico especializado como estrangeirismo, sempre que não for encontrada equivalência direta?</i>
		Especializado em Estudos de Tradução, Etnografia, Sociologia: <i>context of situation, translational, translatorial, thick translation, thick description, field notes, corpus e corpora.</i>
<b>F – GUIA DE ESTILO</b>	<b>G – TERMINOLOGIA</b>	<b>H – OUTROS REQUISITOS</b>
Conforme o TP	Ver item: Léxico.	Localizar versões em PT das citações que constam do texto e colocar em rodapé.

### 5.4.3. Adoção de estratégias e resolução de problemas

Neste estudo de caso, a comparação dos perfis extra e intratextuais do TP e TC permite identificar paralelismos na quase totalidade dos itens, à exceção do público-alvo, que apresenta, naturalmente, discrepâncias linguísticas e culturais. As macroestratégias a adotar nesta tradução de tipo documental devem decorrer do facto de ser um artigo científico e destinar-se a uma comunidade específica. Por um lado, constata-se a necessidade de garantir uma adequação ao TP, respeitando o sentido e a forma deste, e de evitar variabilidade no conteúdo, optando-se por assegurar a equivalência formal e inclusive a aceitação de estrangeirismos. Por outro lado, prevê-se alguma domesticação, tendo em conta o requisito de aceitabilidade do recetor final e a convergência com a terminologia própria do campo científico no contexto de chegada.

Tratando-se de uma comunicação científica produzida em EN por um autor anglo-saxónico, vertida para PT e destinada a um contexto cultural e linguístico diferente, o tradutor confronta-se com as típicas dissemelhanças entre a escrita científica ou académica produzida nestes dois pares de línguas. De facto, prevalecem, na escrita académica portuguesa, características que a distanciam da anglo-saxónica, como sejam as estruturas fráscas marcadas por frases longas e complexas; tendência para a ambiguidade e abstração lexical; uma prosa excessivamente palavrosa e redundante; e um registo demasiado erudito (Bennet, 2011). Neste caso concreto, tendo em conta o facto de o emissor de ambos os textos ser a mesma entidade, opta-

se por adequar o TC ao estilo mais conciso e objetivo do TP e o texto resultante permanece fiel ao sentido e à forma do TP.

## **5.5. Estudo de Caso 4 - Tradução do texto literário**

### **5.5.1. Considerações acerca da tradução do texto literário**

Na perspectiva funcionalista de Christiane Nord evidenciam-se, no processo de tradução do texto literário, os seguintes intervenientes: a) emissor ou autor do texto (note-se que o prestígio do autor pode influenciar as expectativas do recetor do texto); b) intenção do TP, que consiste em estimular, através de uma descrição ficcional, uma perspectiva pessoal acerca da realidade. A produção literária é norteada por um leque de intenções. Nos textos literários equiparados à ficção, a função expressiva domina em detrimento da referencial; c) recetor do TP: domina os códigos literários e tem competência para interpretar o texto de forma significativa. As suas expectativas são condicionadas pela experiência literária e por códigos literários. O leitor competente em sistemas de interpretação torna o texto significativo para si próprio. Esta capacidade descreve-se como “competência literária”; d) meio escrito ou oral; e) lugar, tempo e motivo, contendo aspetos específicos das culturas de partida e chegada; f) mensagem, comportando significado conotativo, expressivo e estético próprio. A linguagem literária desvia-se das normas de comunicação correntes, obedecendo ou rompendo, no caso da literatura contemporânea, com convenções típicas do género; g) efeito ou função poética e estética. Se um texto não está assinalado como literário, o leitor pode não reconhecer essa função e aceita o seu conteúdo como factual. Os identificadores literários podem definir-se extratextualmente, inserindo a obra num catálogo de obras de ficção (1997, pp. 80-85).

Existe, habitualmente, um elo entre a intenção literária do emissor e a expectativa literária do recetor. O efeito de um texto literário depende de fatores culturais e individuais. O tradutor infere a intenção do emissor a partir do TP, interpretando as características textuais e consultando fontes secundárias. Decorre daqui que o tradutor tem um papel chave na tradução literária, sendo esta é um processo intrinsecamente cultural e criativo. Bush sugere que o trabalho dos tradutores literários “implicitly and sometimes explicitly challenges the authority of the canon, the nationalism of culture and the ‘death’ of the author. A literary

translator is bilingual and bicultural and thus inhabits a landscape which is not mapped by conventional geographies” (2005 p. 127).

Um dos fatores decisivos para a aceitabilidade do texto literário é a fluência, como oportunamente observa Venuti na obra *The Translator’s Invisibility* (1995). Quanto mais fluente o TC, mais visíveis são o autor e o TP. Consequentemente, o tradutor assume amiúde, na tradução literária, um papel invisível, mas central, que interage com um complexo leque de fatores. Desde logo, a interpretação do tradutor deve ser idêntica à intenção do autor do texto. É certo que os complexos mecanismos de compreensão ou interpretação conduzem a diferentes resultados com diferentes tradutores. Para que a interpretação do tradutor coincida com a intenção do autor, é necessário que o iniciador da tarefa de tradução transmita ao tradutor o máximo de informação possível. O tradutor literário tem, por vezes, o privilégio de contactar com o autor e dessa forma consegue negociar as estratégias de tradução.

Nord conclui que podem fazer-se determinadas suposições em relação ao texto literário: (1) o recetor de chegada aceita a interpretação do tradutor como sendo a intenção do emissor/autor; (2) a função do TC baseia-se na interpretação de uma interpretação da intenção do emissor e no conhecimento cultural e expectativas do recetor de chegada; (3) nas situações de partida e de chegada, a compreensão do mundo textual depende dos conhecimentos culturais e do mundo que possuem os seus recetores; (4) os elementos do código literário de chegada e de partida só podem alcançar os mesmos efeitos junto dos respetivos recetores caso a tradição literária seja a mesma (1997, pp. 86-87).

Reconhece-se que o texto literário obedece a determinadas especificidades, sendo uma delas o contexto extratextual da obra e do próprio autor da obra. A preparação para executar a tarefa tradutória consiste na leitura atenta da obra e em pesquisas sobre o TP e outras obras do autor. O produto resultante deve ser uma obra independente, paralela, uma metamorfose do original capaz de vingar noutra cultura e língua. Deve reproduzir a estrutura formal do original, transmitindo ao leitor de chegada a riqueza e o valor literário e estético do TP (Bush, 2005, p. 127).

Considera-se que o conceito de equivalência é central na tradução literária, pressupondo-se que o tradutor transfere, não só a mensagem do TP, mas também a maneira específica como esta mensagem é expressa na língua de partida:

In literary translation, the translator is expected to transfer not only the message of the source text but also the specific way the message is expressed in the source language. This would ideally establish equivalence between source and target text with regard both to text function and text effect. An ideal translation would then have the same function and effect as the source text (Nord, 1997 p. 88).

Recordemos Walter Benjamin (1923), que via a tradução como uma obra de arte independente, paralela ou uma metamorfose do original, capaz de viver noutra cultura. A tradução deve reproduzir a estrutura literária do original, informando os leitores de chegada sobre o género, valor artístico e estética linguística do original, enriquecendo-o (*Ibid.*, p. 89). Reiss afirma algo semelhante ao observar que a tradução literária

orients itself towards the particular character of the work of art, taking as its guiding principle the author's Creative will. Lexis, syntax, style and structure are manipulated in such a way that they bring about in the target language an aesthetic effect which is analogous to the expressive individual character of the source text (1976 p. 21, *apud* Nord, 1997 p.89).

### **5.5.2. Análise textual e *brief* de um texto literário**

Selecionou-se uma *short story* escrita em EN e ainda inédita em português: *The Ultimate Safari*, da autoria de Nadine Gordimer. Contemplou-se o cenário hipotético de publicar este conto numa coletânea de *short stories* em formato digital (*e-book*) no âmbito de um projeto de sensibilização para o drama dos refugiados que atualmente afeta a Europa. Reconhecida como ativista política, Nadine Gordimer envolveu-se, ao longo do seu percurso, em questões morais e raciais do seu país. Os temas centrais da sua obra são as questões morais e de tensão psicológica derivadas de conflitos raciais, a sua repercussão nas relações pessoais ou nas relações de poder. As suas personagens típicas são caracterizadas por uma certa ambiguidade moral e confrontam-se com escolhas cruciais que as definem psicologicamente. A subtileza dos detalhes e o simbolismo intrínseco são características apontadas à sua obra. Uma visita que a autora realizou a um campo de refugiados moçambicanos, com uma equipa da BBC, serviu de inspiração a este conto, presume-se com o objetivo implícito de criar

empatia relativamente à situação dos refugiados moçambicanos na África do Sul, a precariedade das suas condições de vida e os traumas de milhares de famílias.

**Quadro 10 – Estudo de caso 4: excerto de texto literário (versão integral no Apêndice E)**

**The Ultimate Safari – Nadine Gordimer** – winner of the 1974 Booker Prize

That night our mother went to the shop and she didn't come back. Ever. What happened? I don't know. My father also had gone away one day and never come back; but he was fighting in the war. We were in the war, too, but we were children, we were like our grandmother and grandfather, we didn't have guns. The people my father was fighting – the bandits, they are called by our government – ran all over the place and we ran away from them like chickens chased by dogs. We didn't know where to go. Our mother went to the shop because someone said you could get some oil for cooking. We were happy because we hadn't tasted oil for a long time; perhaps she got the oil and someone knocked her down in the dark and took that oil from her. Perhaps she met the bandits. If you meet them, they will kill you.

Twice they came to our village and we ran and hid in the bush and when they'd gone we came back and found they had taken everything; but the third time they came back there was nothing to take, no oil, no food, so they burned the thatch and the roofs of our houses fell in. My mother found some pieces of tin and we put those up over part of the house. We were waiting there for her that night she never came back. (...)

Na elaboração do *brief* verificou-se a necessidade de efetuar um levantamento mais exaustivo de elementos extra e intratextuais (C-D) e constatou-se a relevância de acrescentar um novo item (*Caracterização das personagens*). Por outro lado, a análise textual implicou uma pesquisa mais aprofundada sobre a autora e a sua obra, e sobre o contexto histórico, possibilitando uma compreensão mais alargada do tema. Os perfis do TP e do TC no *brief* de tradução podem ser formalizados da seguinte forma:

**Quadro 11 – Modelo de *brief* de tradução do texto literário**

<b>A – ELEMENTOS CONTRATUAIS E INFORMATIVOS</b>			
<b>Título da Obra: “The Ultimate Safari”</b>		<b>Línguas: EN_PT</b>	
<b>B - ENQUADRAMENTO DO PROJETO</b>			
Publicação eletrónica ( <i>e-book</i> ) de “The Ultimate Safari” numa coletânea <i>de short stories</i> sobre migração e direitos humanos, sensibilizando o público para o drama dos refugiados ao longo da história.			
<b>C - FATORES EXTRATEXTUAIS</b>	<b>Texto de chegada Língua: PT</b>	<b>Problemas / Estratégias</b>	<b>Texto de partida Língua: EN</b>
<b>Função/Tipo textual/Tipo de tradução</b>	Função Expressiva / Texto literário / Tradução documental	<i>Há uma função apelativa implícita?</i>	Função Expressiva / Texto literário / Tradução documental
<b>Autor/emissor</b>	[Informação sobre o editor responsável pela edição da publicação eletrónica da coletânea de <i>short stories</i> sobre migração e direitos		Nadine Gordimer, n. 1923 na África do Sul. Autora de mais de 30 livros. Obra literária: 14 romances e 17 coletâneas de contos, incluindo <i>A Watcher of the Dead</i> ; <i>The Lying Days</i> ; <i>The Conservationist</i> . 1974: Booker

	humanos]		Prize; 1991: Prémio Nobel da Literatura. Aborda a deterioração social na África do Sul durante o regime do apartheid.
<b>Público-alvo</b>	Lusófono geral (jovem e adulto)	<i>Há diferenças situacionais entre o leitor do TP e do TC? Têm perfis diferentes?</i>	Anglófono geral (jovem e adulto)
<b>Tempo de receção</b>	2015	<i>Distância temporal relevante? Faz-se contextualização histórica em nota?</i>	1989
<b>Lugar de receção</b>	Portugal e países lusófonos; www		Grã-Bretanha
<b>Meio de expressão (oral/escrito)</b>	Escrito, monolíngue, edição eletrónica em coletânea de contos		Escrito, monolíngue, edição em papel (revista literária britânica Granta)
<b>Finalidade/Intenção</b>	Sensibilizar o leitor para as questões da migração e a situação de refugiados em países em desenvolvimento; promover a solidariedade para com povos migrantes.	<i>Qual a intenção concreta da autora? Criar empatia entre o leitor e a comunidade da história? Existe intenção comunicativa e apelativa?</i>	Gerar empatia e compreensão relativamente à situação dos refugiados moçambicanos na África do Sul, a precariedade das suas condições de vida e os traumas de milhares de famílias.
<b>Ideias chave</b>	Migração, refugiados, direitos humanos, guerra civil		Guerra civil, família, apartheid, refugiados
<b>C - FATORES INTRATEXTUAIS</b>	<b>Texto de chegada</b> <b>Língua: PT</b>	<b>Problemas / Estratégias</b>	<b>Texto de partida</b> <b>Língua: EN</b>
<b>Tema</b>	<b>Guerra civil em Moçambique:</b> a FRELIMO reprimia a oposição de grupos rebeldes como a RENAMO e impunha um sistema de segregação racial. O país carecia de infraestruturas sociais e a população passava fome. A FRELIMO não conseguia controlar os rebeldes e as zonas rurais estavam à mercê da RENAMO que controlava 50% das áreas rurais. Não havia assistência médica. Os direitos humanos eram violados por ambas as frações, principalmente pela RENAMO, que atacava civis. 1 milhão de moçambicanos desapareceu, outros fugiam das suas aldeias para fugir à guerra e cerca de 1,7 milhões de habitantes procuraram refúgio em países vizinhos. ➡	<i>Qual o grau de familiaridade no contexto de chegada com os temas do TP? Há necessidade de adotar estratégias de explicitação?</i>	➡ <b>Apartheid:</b> entre 1948 e 1992, a República da África do Sul institucionalizou um sistema de segregação racial e que auxiliou a fração branca a conservar o poder num território predominantemente negro. Era uma espécie de último reduto do 'white power'. Patrocinou e apoiou militarmente os esforços dos grupos rebeldes com o fim de destabilizar os respetivos governos, o que veio a originar a deslocação e destruição de milhões de sul-africanos. <b>Família:</b> papel protetor dos avós, depois de assumida a ausência dos pais. Mundo animal: justaposição entre a vida animal e a vida dos refugiados. Os refugiados vivem e alimentam-se como os animais do Kruger Park, mas estão mais desprotegidos, são presença clandestina. Os animais simbolizam a liberdade, força e poder.
<b>Conteúdo</b>	[igual]		História de uma menina de 9/10 anos, narrada pela própria, e da sua família quando são forçados a fugir

<b>Pressupostos</b>	Conhecimento básico da situação vivida em África, particularmente em Moçambique, e do regime de <i>apartheid</i> .	<i>Os eventos narrados são familiares ao público mais jovem da cultura de chegada? Contextualiza-se?</i>	da aldeia onde viviam em Moçambique e procurar refúgio num campo de acolhimento de refugiados sul-africano (...)
			Conhecimento da situação vivida em África: movimentos de grupos rebeldes com o fim de destabilizar governos independentes, controlados por negros. Ataques e incursões ou <i>raids</i> armados sobre populações. Os 'bandidos' referidos pela narradora serão membros da RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), grupo rebelde moçambicano que tentou derrubar o governo da FRELIMO.
<b>Estrutura</b>	Manter a estrutura frásica do TP.		Estilo narrativo simples, frases curtas na primeira pessoa. Introdução de diálogo na parte final do conto.
<b>Elementos não-verbais</b>	Serão incluídas ilustrações a preto e branco alusivas a safaris.	<i>Incluir estrangeirismos em itálico?</i>	Inexistentes.
<b>Léxico</b>	Manter os culturemas. Exemplos: <i>mealies e mealie meal</i> .	<i>Inserir esclarecimento paratextual? Quanto ao termo gogo, pode encontrar-se equivalente em PT da palavra avó, ex<sup>o</sup> nana.</i>	Léxico comum. Escassos culturemas; termos associados autóctones da África do Sul: <i>mealies</i> (milho, espiga de milho) e <i>mealie meal</i> (farinha de milho), e ainda o termo <i>gogo</i> , diminutivo de <i>grandmother /grandfather</i> .
<b>Características suprasegmentais</b>	Manter o tom do TP. Conotação positiva	<i>O registo usado é credível ou mais elevado do que é natural para uma criança africana?</i>	Tom infantil, ingénuo.
<b>Caracterização das personagens</b>	<b>Narradora</b> de 9 ou 10 anos, não compreende a guerra ou a causa do desaparecimento dos pais. Personagem otimista que partilha com a avó a coragem, mas é nela que reside a esperança, mensagem fulcral da história; a <b>avó</b> é a figura protetora. Personifica a força, determinação e coragem e também a desilusão e derrota perante o seu país. É uma mulher grande e forte, ainda jovem que renuncia à sua casa, país e conforto pessoal para socorrer os netos; →		→o <b>avô</b> é uma figura frágil, é pequeno e magro; o irmão mais velho é companheiro e cúmplice de brincadeiras da narradora, mas muda durante a viagem; o irmão mais novo é um bebé de 2 ou 3 anos. É uma figura frágil que desperta o instinto de proteção e é acarinhado por toda a família. Acusa problemas de saúde graves, devido à fome e subnutrição. Personagens ausentes: a mãe; o pai; os bandidos que atacavam as aldeias, saqueavam os campos e destruíam os meios de sobrevivência das populações.
<b>F – GUIA DE ESTILO      G – TERMINOLOGIA      H – OUTROS REQUISITOS</b>			

Seguir convenções do género literário no contexto de

Ver Léxico.

O título deve antecipar o enredo da obra, e fazer o apelo inicial ao leitor. Solicita-se ao tradutor três sugestões de

### 5.2.3. Adoção de estratégias e resolução de problemas

Neste *brief* literário, ressalta de imediato que alguns itens extra e intratextuais merecem um tratamento mais exaustivo, concretamente o tema, a biografia da autora, a caracterização das personagens e os pressupostos, itens esses que influenciam o grau de proximidade do tradutor relativamente aos eventos narrados. Torna-se assim possível aferir as especificidades da obra e extrair os seus aspetos singulares, descodificando o TP e facilitando a delineação de estratégias de tradução adequadas. O facto de a narradora ser uma criança africana sem estudos levanta desde logo a questão do registo a utilizar no TC. Outras questões levantadas ao longo da preparação do *brief* são expostas na coluna central, como por exemplo: Qual a intenção da autora? Há intenção comunicativa e apelativa implícita? A resposta a estas e outras questões permite mais facilmente descodificar o verdadeiro sentido do TP e, a partir dessas coordenadas tomar decisões e construir uma estratégia de tradução. São inúmeras as divergências a assinalar entre o TP e o TC quanto ao perfil extratextual: desde já o emissor, o público-alvo, o tempo e lugar de receção, meio de produção, finalidade/intenção e ideias-chave. No perfil intratextual, pelo contrário, não se assinalam divergências significativas.

Através de uma voz infantil, este conto narra, em estilo simples e despojado de sentimentalismo, acontecimentos de enorme dimensão trágica (guerra, fome, morte) que afetam uma família de moçambicanos.

No contexto de chegada, a temática abordada neste pequeno conto não será estranha ao recetor adulto (leitor lusófono), pois a realidade política e social vivida nas ex-colónias após a independência é bem conhecida, assim como a literatura produzida em países africanos. Pode afirmar-se que as personagens são quase familiares ao contexto situacional e histórico do leitor de chegada. Contudo, a camada mais jovem do público-alvo pode beneficiar de uma contextualização histórica, pelo que se pode optar por acrescentar notas de rodapé em determinadas passagens, em sacrifício de uma invisibilidade porventura assumida.

Em conformidade com o *skopos* desta tradução, a estratégia macro a adotar vai ao encontro de uma estrangeirização (o *brief* orienta para a manutenção dos escassos culturemas da narração, indissociáveis da cultura de partida), não excluindo a eventual necessidade de recorrer, pontualmente, a alguma domesticação ou naturalização. Presume-se que o leitor do contexto de partida tenha experimentado algum estranhamento perante o discurso de uma criança negra de uma cultura distinta (moçambicana) da sua e que a autora tenha atenuado esse estranhamento elevando o registo sub-padrão. No contexto de chegada, tradutor e cliente optam naturalmente por manter esse efeito junto do leitor lusófono, o qual deve deparar-se com uma narradora de feição infantil que, com simplicidade e inocência, conta como a sua família se pôs em fuga para um país vizinho, fazendo gerar empatia com a sua situação e com as restantes personagens do conto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Skopostheory* não é isenta de críticas, tendo sido acusada de ser excessivamente simplista e de propor um conjunto de evidências, infelizmente inaptas para solucionar, por exemplo, questões éticas em torno de elementos incompatíveis entre TP e TC (Pym, 2013, p. 297) e da primazia do TC. Porém, para os fins práticos a que nos propomos, cremos que este paradigma não perdeu atualidade e pertinência quando confrontado com as dinâmicas da atividade tradutória. Identificamo-nos, de certo modo, com a ótica de Vermeer que, em finais da década de 1980, considerava que o objetivo da ação translacional e o modo como é realizada são aspetos negociados com o cliente que faz o encargo da referida ação “A precise specification of aim and mode is essential for the translator. — This is of course analogously true of translation proper: skopos and mode of realization must be adequately defined if the text-translator is to fulfil his task successfully” ([1989]2004 p. 221).

No centro desta negociação, como constatámos, situa-se o *brief*, uma ferramenta de trabalho a construir em estreita cooperação entre cliente e tradutor e disponibilizado integral ou parcialmente ao tradutor numa fase prévia ou inicial da tarefa de tradução. Perante um projeto de tradução de grande ou média dimensão, o tradutor beneficiará de um qualquer tipo de *brief*, seja implícito ou explícito.

A questão a colocar será, por conseguinte, a que se segue: tratando-se de um instrumento auxiliar da atividade tradutória, cuja utilidade é amplamente reconhecida pelas teorias contemporâneas da tradução e por profissionais de tradução, por que razão o *brief* não se encontra amplamente difundido? Podemos alegar que a natureza urgente da maioria dos projetos de tradução inibem a predisposição dos agentes envolvidos para preparar este instrumento de forma minuciosa, o que os obrigaria a proceder a uma análise do contexto e conteúdo do TP, a uma análise prospetiva do TC, explicitando a sua função e *skopos* na cultura de chegada. Desta análise resultariam, indubitavelmente, tomadas de decisão determinantes para o tradutor, levando-o a canalizar melhor os seus esforços no sentido de concretizar os objetivos propostos com eficácia.

A tarefa de traduzir implica inexoravelmente um processo decisório. Na ótica funcionalista, as decisões tomadas pelo tradutor durante o processo tradutório regem-

se pela função ou *skopos* comunicativo do TC, em conformidade com um dado contexto situacional da cultura de chegada. Do tradutor, espera-se que domine o assunto, possua um conhecimento elevado no par de línguas (LP e LC) e competências de escrita similares ou superiores às do autor do TP. Deve tomar decisões a nível de jargão ou gíria, coloquialismos e outras expressões não suscetíveis de uma tradução literal. Todavia, o tradutor não deveria ter de tomar decisões solitárias. Idealmente, o cliente dá o seu contributo e assume responsabilidade quanto a decisões importantes, que conduzem à Adoção de macroestratégias (por exemplo, localização ou adaptação). É neste plano que o *brief* intervém de forma oportuna, informando o tradutor sobre a possibilidade de reestruturar conteúdos e resolver divergências (culturais, linguísticas), permitindo ao cliente participar na tomada de decisão, assumindo, enfim, um papel mais ativo na concretização do projeto tradutório. Como se sabe, estratégias globais (nível macro, cultural e sociológico) podem afetar as estratégias locais (aos níveis textual e cognitivo) em diferentes fases do processo tradutório. O *brief* força a uma análise pragmática e à priorização dos princípios de uma equivalência funcional entre dois textos.

Constatámos, neste trabalho de projeto, que a elaboração desta ferramenta exige um investimento inicial grande mas que, ao longo do tempo, pode rentabilizar esforços, resultando num *template* genérico suscetível de ser moldado a diferentes textos. As características próprias de cada tipo de texto e as respetivas estratégias de tradução tornar-se-ão evidentes e critérios iniciais transformar-se-ão em práticas adotadas e convenções (de instituições, editoras ou até de prestadores de serviços de tradução) que não precisam de ser reexaminadas exaustivamente a cada projeto. Verificámos que cada tipo de texto valoriza diferentes aspetos, mas que o *skopos* é um elemento transversal a todos os tipos de tradução.

No texto pragmático, valorizam-se sobretudo aspetos relativos ao TC, como *skopos* e efeito, valores a transmitir, caracterização do público-alvo; no texto técnico, será o controlo terminológico, léxico especializado e requisitos técnicos, como a formatação eletrónica; no texto científico, será a terminologia especializada numa determinada área científica e a adequação às convenções da comunidade científica da cultura de chegada; perante um texto literário, o conhecimento de um autor, a

familiaridade com o tema, conteúdo e personagens são relevantes para situar o tradutor no projeto em mãos.

Por outro lado, reconhece-se que a utilidade do *brief* transcende o próprio processo tradutório, na medida em que pode servir de base para a criação de guias de estilo e glossários destinados a fomentar a consistência/coerência num conjunto de produtos.

Em termos de prestação de contas, o *brief* pode ser encarado como um elemento central de partilha de responsabilidade (entre iniciador e prestador), pois situa-se no centro de uma parceria entre o cliente e o PST/tradutor, auxiliando na melhoria da qualidade da tradução e contribuindo para a redução do risco na tomada de decisão, no âmbito de uma cultura de trabalho onde a avaliação da qualidade constitui uma prática enraizada.

Por último, considera-se que a temática em foco neste trabalho de projeto não se esgota nas questões aqui abordadas. Podem colocar-se questões do foro psicológico e relacionadas com o grau de autonomia ou de criatividade do tradutor perante a imposição de um *brief*, como por exemplo: O *brief* limita a criatividade do tradutor? Coloca entraves à sua liberdade de expressão e de decisão? Tem um efeito constrangedor quanto à intuição do tradutor? Influencia positivamente o grau de proximidade entre o tradutor e o cliente ou entre o tradutor e o texto (TP e TC)? Contribui para que a tarefa do tradutor seja executada com mais segurança e com menos incerteza?

Sendo a tradução essencialmente um ato de interpretação, como é consensual entre as várias abordagens aos Estudos de Tradução, em que medida é que o *brief*, operando como um mecanismo de descodificação, interfere no percurso hermenêutico? Será desejável?

As respostas a estas questões remetem-nos para outras vias de investigação, porventura em cenários profissionais futuros em que o *brief* assuma uma presença efetiva e sistemática.

## BIBLIOGRAFIA

ASTM International F-2575-06 (2006). *Standard guide for quality assurance in translation*. West Conshohocken, PA: ASTM International.

Bell, Roger T. (1991). *Translation and translating: theory and practice*. New York: Longman Inc.

Benjamin, Walter ([1923] 2004). The task of the translator: an introduction to the translation of Baudelaire's *Tableaux Parisiens*. In Lawrence Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp.16-25). London: Routledge.

Bennett, Karen (2011). *Academic Writing in Portugal: Discourses in Conflict*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Bernardo, Ana Maria (2009). *A Tradutologia Contemporânea – Tendências e Perspectivas no Espaço de Língua Alemã*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Bernardo, Ana Maria (2011). Estratégias de tradução. In F. Clara, M. Sanches, M. Matos (org.), *Várias Viagens. Estudos oferecidos a Alfred Opitz* (pp. 437-45). V.N. Famalicão: Húmus.

Bush, Peter (2005). Literary translation, practices. In M. Baker & G. Saldanha (Eds.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2<sup>a</sup> ed., pp. 127-130). Abingdon: Routledge.

Carroll, R.P. (2000). The Reader and the Text. In A. D. H. Mayes (Ed.), *Text in Context* (pp. 3-35). Oxford: Oxford University Press.

CEN (2006). European Standard EN 15038:2004 Translation Services – Service Requirements. Brussels: CEN.

Chesterman, Andrew (2007). Bridge concepts in translation sociology. In: M. Wolf & A. Fukari (Eds.), *Constructing a Sociology of Translation* (pp. 171-183). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Fraser, Janet (2000). The Broader View: How Freelance Translators Define Translation Competence. In C. Schäffner & B. Adab (Eds.), *Developing Translation Competence* (pp. 51-62). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Gambier, Yves (2010). Translation strategies and tactics. In Yves Gambier & Luc van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (pp. 412-418). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Garcia, Lilian Agg (2014). Perspectivas teóricas funcionalistas: o encargo tradutório, um norteador para tradutores. In *Fólio – Revista de Letras*. V. 6, n. 2, 341-353. Acedido em 20 de Agosto, 2015. Disponível em <http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/view/2769>

- Gouadec, Daniel (1990). *La traduction, le traducteur et l'entreprise*. Paris: AFNOR.
- Gouadec, Daniel (2010). Quality in translation. In Yves Gambier & Luc van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (pp. 270-271). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Graça, Aires (2002). Cultura, tradução e vivência do significado. In *Revista de Humanidades e Tecnologias*, Universidade Lusófona, nº 6/7/8, 2º sem. 2001/ 1º sem. 2002, pp. 204-208. Acedido em 20 de Agosto, 2015. Disponível em <http://www.fcsh.unl.pt/deps/estudosalemaes/>
- Hansen, Gyde (2010). Translation 'errors'. In Yves Gambier & Luc van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 385-388). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Hatim, Basil, & Munday, Jeremy (2004). *Translation: An Advanced Resource Book*. London: Routledge.
- Hurtado Albir (2001). *Traducción y Traductología: Introducción a la traductología*. Madrid: Cátedra.
- Jensen, Matilde N. (2009). *Professional translators' establishment of skopos: a 'brief' study*. Aarhus: Institut for Sprog og Erhvervskommunikation. Aarhus School of Business.
- Koller, Werner (1995). The Concept of Equivalence and the Object of Translation Studies. In *Target*. 7:2, 191-222.
- Landers, Clifford E. (2001). *Literary translation: a practical guide*. Col. Topics in translation, 22. UK: Multilingual Matters.
- Levy, Jirí (2004). Translation as a Decision Process. In Lawrence Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp.148-160). London: Routledge.
- Lörscher, Wolfgang (2002). A Model for the Analysis of Translation Processes within a Framework of Systemic Linguistics. In *Cadernos de Tradução*. V. 2, n. 10, 97-112. Acedido em 20 de Agosto, 2015. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6146/5704>
- Montgomery, Scott L. (2010). Scientific translation. In Yves Gambier & Luc van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 299-305). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Munday, Jeremy (2008). *Introducing Translation Studies: Theories and Applications*. (2ª ed.). London: Routledge.
- Munday, Jeremy (2010). Translation Studies. In Yves Gambier & Luc van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 419-428). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Nida, Eugene ([1964] 2004). Principles of correspondence. In Lawrence Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp. 126-140). London: Routledge.

Nord, C. (1997). *Translating as a purposeful activity: functionalist approaches explained*. London: Routledge.

Nord, C. (1997a). Defining translation functions. The translation brief as a guideline for the trainee translator. In Wolfgang Lörcher (Ed.), *Ilha do Desterro*, Special Issue Translation Studies in Germany (2, pp. 41-55). Florianópolis: UFSC.

Nord, C. ([1988]1991). *Text analysis in translation: Theory, methodology, and didactic application of a model for translation-oriented text analysis* (2ª ed.). Amsterdam: Rodopi.

Nord, C. (2010). Functionalist approaches. In Yves Gambier & Luc van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 120-128). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Olohan, M. (2005). Scientific and Technical Translation. In M. Baker & G. Saldanha (Eds.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2ª ed.) (pp. 246-249). Abingdon: Routledge.

Paiva, M. Manuela G. (2004). Traduções: qualidade e avaliação. In: *Administração* (63, vol. XVII, pp. 295-304). Acedido em 20 de Agosto, 2015. Disponível em [www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM\\_004394](http://www.safp.gov.mo/safppt/download/WCM_004394)

Pym, Anthony (2013). *Teorias contemporâneas da tradução: uma abordagem pedagógica* (A. M. Chaves, E. Keating, F. F. Alves, Trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Reiss, Katharina ([1971] 2004). Type, Kind and Individuality of Text: Decision Making in Translation. In Lawrence Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp. 160-172). London: Routledge.

Robert Wood Johnson Foundation (2009). *Developing the Translation Brief: Why & How*. Hablamos Juntos More Than Words Toolkit Series. Acedido em 20 de Agosto, 2015. Disponível em [http://www.hablamosjuntos.org/mtw/html\\_toolkit/pdf/Tool\\_3Dev\\_TransBrief-Feb5\\_Final.pdf](http://www.hablamosjuntos.org/mtw/html_toolkit/pdf/Tool_3Dev_TransBrief-Feb5_Final.pdf)

Robinson, Douglas (1997). *Becoming a translator: an accelerated course*. New York: Routledge.

Schäffner, Christina (2010). Norms of translation. In Yves Gambier & Luc van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 235-244). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Schubert, Klaus (2010). Technical translation. In Yves Gambier & Luc van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 350-355). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Steiner, G. ([1975] 2002). *Depois de Babel: aspectos da linguagem e tradução* (Miguel Serras Pereira, Trad.). Lisboa, Relógio d'Água.

Torresi, Ira (2010). *Translating promotional and advertising texts*. Manchester: St Jerome Publishing.

Toury, Gideon (1995). *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam: John Benjamins.

Toury, Gideon (2011). Translation problem. In Yves Gambier & Luc van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (Vol. 2, pp. 169-174). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.

Venuti, Lawrence (1995). *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London: Routledge.

Venuti, Lawrence (2005). Strategies of Translation. In M. Baker & G. Saldanha (Eds.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2<sup>a</sup> ed.) (pp. 240-244). Abingdon: Routledge.

Vermeer, Hans J. ([1989] 2004). Skopos and Commission in Translational action. In Lawrence Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp. 221-232). London: Routledge.

Vinay, Jean-Paul e Jean Darbelnet ([1958/1995] 2004). A Methodology for Translation. In Lawrence Venuti (Ed.), *The Translation Studies Reader* (pp. 84-94). London: Routledge.

Wilss, Wolfram (2005). Decision making in translation. In M. Baker & G. Saldanha (Eds.), *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* (2<sup>a</sup> ed.) (pp. 57-60). Abingdon: Routledge.

# APÊNDICE A

CEN (2006). Norma Europeia EN 15038:2004 (Versão Portuguesa)  
Serviços de tradução – Requisitos para a prestação de serviços.  
Brussels: CEN.

[Projeto prEN 15038]

## APÊNDICE B

*The Joy of Living with Less*, Kate Ashford

[BBC, 24 Fev. 2014, Secção *Capital*]

<http://www.bbc.com/capital/story/20140224-the-joy-of-minimalist-living>

# APÊNDICE C

Excerto *Track Changes*, do *Quick Start Guide*, Word 2010,  
Microsoft

## **APÊNDICE D**

*Ethnographic approaches*, Peter Flynn, in “Handbook of Translation Studies”, ed. Yves Gambier e Luc van Doorslaer (vol. 1). Amsterdam: John Benjamins B.V., 2010.

## APÊNDICE E

*The Ultimate Safari*, Nadine Gordimer, in “A World of Difference. An Anthology of Short Stories From Five Continents”, ed. Linda Prescott. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, Open University, 2008.

## APÊNDICE F

**F1** - Modelo de *brief* para os *media* da agência Translate Media. Disponível em <http://www.translatemedia.com/wp-content/themes/translatemedia/media/creative-translation-brief.pdf>

**F2** – Modelo de *brief* facultado em contexto de formação em Tradução Técnica. Fonte: Scientific and Technical Translation Explained: A Nuts and Bolts Guide for Beginners, Jody Byrne. Manchester, UK & Kinderhook, USA: St. Jerome, 2012.

**F3** – Modelo de *brief*. Fonte: *Developing the Translation Brief: Why & How*. Hablamos Juntos / More Than Words Toolkit Series. Robert Wood Johnson Foundation, 2009. Disponível em [http://www.hablamosjuntos.org/mtw/html\\_toolkit/pdf/Tool\\_3Dev\\_TransBrief-Feb5\\_Final.pdf](http://www.hablamosjuntos.org/mtw/html_toolkit/pdf/Tool_3Dev_TransBrief-Feb5_Final.pdf)